

Carla Adriana Gameiro da Silva Girão

**INDISCIPLINA EM SALA DE AULA**  
**Um estudo com Diretoras de Turma e alunos do 9º Ano**  
**do Agrupamento de Escolas de Góis**

Dissertação de Mestrado em Gestão Escolar apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e à Faculdade de Economia, da Universidade de Coimbra, sob orientação dos Professores Doutores João da Silva Amado e Armanda Pinto da Mota Matos

Coimbra/2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## **AGRADECIMENTOS**

De um modo particular tenho de agradecer ao Orientador Professor Doutor João Amado e à Coorientadora Professora Doutora Armanda Matos, por todo o apoio, esclarecimentos e sugestões apresentadas.

Às professoras Fátima Martins e Isabel Gariso por toda a colaboração prestada durante este trabalho.

Aos alunos que entrevistei, que apesar do seu nervosismo deram o seu contributo, revelando as suas opiniões quando entrevistados.

À minha família que sempre me apoiou, mostrando todo o seu amor e carinho.

Ao Mestre Carlos Antunes, pelo apoio, ajuda e compreensão demonstrados.

A Deus que me deu força e ânimo para não desistir.

A todos quantos me incentivaram a concluir este projeto, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Pretendemos, neste estudo, conhecer as perspetivas de alunos e Diretoras de Turma do 9º Ano do Agrupamento de Escolas de Góis face ao tema indisciplina em sala de aula, bem como identificar algumas características que possam distinguir, ainda segundo a perspetiva dos mesmos sujeitos, o professor competente e o professor incompetente.

Foi realizada uma revisão da bibliografia com vista a um enquadramento teórico do tema, que incidiu em assuntos como a indisciplina e sua definição, regras em sala de aula e características do professor competente e incompetente.

De acordo com os objetivos do estudo, optou-se por uma metodologia de natureza qualitativa, tendo-se realizado um estudo de caso e recorrido à entrevista semiestruturada como técnica de recolha de dados. Realizaram-se entrevistas no Agrupamento de Escolas de Góis, às duas Diretoras de Turma do 9º Ano de escolaridade, para obter a opinião das mesmas acerca da disciplina/indisciplina em sala de aula e compreender quais os comportamentos/attitudes que os alunos têm em sala de aula e que são considerados de indisciplina. Pretendeu-se ainda saber se, na opinião das Diretoras de turma, os comportamentos de indisciplina estão relacionados com o professor e/ou as disciplinas e ainda, como é que as Diretoras de Turma lidam com os problemas de indisciplina, nomeadamente no âmbito da relação com os outros professores da turma e com os Encarregados de Educação. Também foram realizadas entrevistas a um grupo de 4/5 alunos de cada turma, com o objetivo de conhecer a sua opinião acerca da disciplina/indisciplina em sala de aula e compreender quais os comportamentos/ attitudes que apresentam em situação de sala de aula e que podem ser considerados de indisciplina. Pretendeu-se ainda perceber se, na opinião dos alunos, os comportamentos de indisciplina estão relacionados com o professor e/ou as disciplinas.

Após a realização das entrevistas, procedeu-se à análise de conteúdo das mesmas, efetuando-se uma apresentação, análise e discussão das opiniões dos entrevistados.

O estudo permitiu concluir que alunos e Diretoras de Turma apontam um conjunto de aspetos muito semelhante para caracterizar o professor competente/incompetente. Essas características foram também referidas em estudos já realizados anteriormente por diversos autores.

**Palavras-Chave:** indisciplina, regras em sala de aula, professor competente, professor incompetente.

## **ABSTRACT**

In this study, we intend to know the perspectives of students and 9th grade Class Directors, in the Góis Group of Schools, based on the theme indiscipline in the classroom, as well as finding a set of aspects that may distinguish, according to the perspective of the same people, the competent from the incompetent teacher.

We reviewed the literature towards a theoretical framework, which focused on issues such as indiscipline and its definition, classroom rules and characteristics of both competent and incompetent teachers.

According to the main goals, we chose a qualitative methodology, having conducting a case study and a semi-structured interview as a technique for collecting data. Interviews were conducted in the Góis Group of Schools, with the two 9th grade Class Directors, to obtain their opinion about the discipline/indiscipline in the classroom and to understand which of the students' behaviors/attitudes in the classroom are considered indiscipline. A second aim was to ascertain whether, in the opinion of the Class Directors, the indiscipline behaviors are related to the teacher and/or classes and also how the Class Directors deal with problems of discipline, namely in the context of the relationship with other class teachers and the student's Guardians. Other interviews were directed to a group of 4/5 students from each class, in order to know their opinion about the discipline/indiscipline in the classroom and to understand which students' classroom behaviors/attitudes can be considered indiscipline. Another objective was to understand if, according to the student's opinion, disruptive behaviors are related to the teacher and/or classes.

After the interviews, we analyzed its content and we presented, analyzed and discussed the opinions of the interviewed people.

The study allowed us to conclude that students and Class Directors identify a very similar set of aspects to characterize the competent/incompetent teacher. Those characteristics were also reported by several authors in previous studies.

**Keywords:** indiscipline, classroom rules, competent teacher, incompetent teacher.

# ÍNDICE

Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento teórico .....	5
Capítulo 1 – A Indisciplina em sala de aula .....	7
1.1 - Definição de indisciplina .....	8
1.2 – Comportamentos e níveis de indisciplina.....	12
1.3 – Os fatores de indisciplina na sala de aula.....	16
1.3.1 – A natureza das interações e as regras na aula .....	18
1.4 – As qualidades /atitudes de um professor competente em sala de aula .....	22
1.5 – A Indisciplina nos documentos orientadores do Agrupamento de Escolas de Góis...26	
Parte II – Estudo empírico .....	31
Capítulo 2 - Metodologia .....	33
2.1 - Natureza do estudo e técnica de recolha de dados .....	33
2.2 - Participantes .....	34
2.3 - Procedimento .....	36
Capítulo 3– Apresentação e discussão dos dados .....	39
3.1 - Apresentação e interpretação dos dados da análise relativa aos professores .....	39
3.1.1 – Competência dos professores .....	39
3.1.2 – Afirmação da autoridade .....	42
3.1.3 – Atribuição de responsabilidades pelos resultados obtidos .....	46
3.1.4 – Responsabilidade parental/papel dos Encarregados de Educação .....	47
3.1.5 – Relações entre professores .....	51
3.2– Apresentação e interpretação dos dados da análise relativa aos alunos .....	52
3.2.1 – Caraterísticas do professor competente .....	53
3.2.2 – Caraterísticas do professor incompetente .....	55
3.3– Professores e alunos - um cruzamento de perspetivas sobre a indisciplina .....	57
3.3.1 – Caraterização do professor competente .....	58
3.3.2 – Caraterização do professor incompetente .....	60
Conclusão .....	63
Referências Bibliográficas .....	67

Anexos

## Introdução

Este trabalho consiste num estudo que teve como objetivo conhecer as perceções de professores e alunos do Agrupamento de Escolas de Góis acerca do problema da indisciplina em sala de aula.

Como é sabido, cada vez mais este problema é um fator de grande destabilização das aulas, de cansaço por parte dos professores e dos alunos que querem aprender e ter boas classificações. Segundo Carita e Fernandes (2002, p. 15) “A indisciplina é uma situação em que frequentemente os professores se sentem desconsiderados, desprezados, questionados enquanto pessoas”. É um problema que afeta a comunidade escolar e para o qual são apontadas inúmeras causas e infinitas possíveis soluções. Os professores vêem-se obrigados, para não prejudicar o resto da turma, a encaminhar o aluno perturbador para fora da sala de aula, indicando-lhe uma atividade que este tem de realizar, por norma na biblioteca escolar, e apresentar ao docente no final da aula.

Por outro lado, há que considerar as opiniões dos alunos para quem as aulas são «uma seca», os professores não explicam bem a matéria, os conteúdos programáticos não são motivadores, ... o que pode levá-los a tomar atitudes/comportamentos menos adequados ao contexto de sala de aula.

Com base na experiência profissional, sabemos que tudo isto chega ao Diretor de Turma, que reúne e escuta diariamente, nos intervalos, nas aulas que tem com a turma, queixas e participações feitas, regra geral, sempre aos mesmos alunos e pelos mesmos professores. Um aspeto interessante é que o mesmo aluno pode ser um «santinho» com um professor e um «diabinho» com outro. Será que isso tem algo a ver com as matérias lecionadas? Dependerá do estilo do professor, isto é, da sua forma de agir enquanto educador e autoridade? Serão problemas externos à escola, familiares, e que fazem com que o aluno se expresse de forma diferente do esperado? Será um problema do sistema de ensino que vigora em Portugal?

A nível da organização da escola é obrigatória a existência de toda uma série de documentos onde deverão estar referenciados os problemas da escola atual, sendo um deles o da indisciplina em sala de aula. Todas as escolas possuem regulamentos onde contemplam claramente os direitos e deveres dos alunos. Mas poderão colocar-se questões em relação às sanções pelo incumprimento das regras. Estarão estas claramente definidas? Assim, existirá um regulamento com as normas obrigatórias e as respetivas penas no caso de infração? E os

professores aplicam todas as mesmas regras e os mesmos castigos? Existirão professores demasiado permissivos e que não se preocupam com o cumprimento destas regras básicas de convivência em sala de aula? E outros que se mostram rígidos, com atitudes de tolerância zero quanto às infrações? Haverá professores que definem demasiadas regras para os alunos cumprirem? Será útil definir quais as regras a aplicar na escola, construindo-as em conjunto com os alunos? Será útil fazer o mesmo relativamente aos castigos?

As interrogações nunca mais terminariam, pois existe uma enorme diversidade de aspetos/fatores que podem estar na causa deste tipo de comportamentos. Alguns desses fatores conseguem ser controlados com o apoio da família, de psicólogos, com o trabalho, a iniciativa, a dedicação dos professores em sala de aula e na escola. Outros, e dada a sua complexidade, continuam por ser identificados de forma a poderem ser minimizados ou extintos.

Já anteriormente se fez referência aos professores permissivos e ao seu oposto, os autoritários. Se nos colocarmos no lugar dos alunos compreendemos facilmente a diferença de atuação em sala de aula quer por parte do professor, quer por parte dos alunos. Numa aula o aluno pode mascar pastilha elástica, estar de boné ou sentado em cima da mesa e conversar à vontade com os colegas, que o professor não o alerta para as atitudes incorretas que está a tomar. Na aula seguinte, com outro professor, o aluno tem de permanecer sentado no seu lugar, direito, registar tudo o que o professor diz, tem de pedir autorização para se levantar, ... Os próprios alunos poderão ter dificuldade em cumprir todas as regras em todas as disciplinas pois, além de tais regras, por norma, serem muitas, variam ainda de disciplina para disciplina e de professor para professor.

Vamos nesta dissertação fazer uma síntese dos aspetos mais importantes relacionados com a problemática, recorrendo a uma revisão da literatura, e apresentar o estudo empírico realizado, que visou auscultar a opinião de alunos e professoras/Diretoras de Turma do Agrupamento de Escolas de Góis acerca do tema.

Neste sentido e de forma a concretizarmos o nosso estudo, definimos os seguintes objetivos:

- Obter a opinião de alunos e respetivas Diretoras de Turma acerca da temática indisciplina em sala de aula;
- Identificar, na perspetiva de alunos e respetivas Diretoras de Turma, quais os comportamentos/atitudes que os alunos têm em sala de aula e que são considerados de indisciplina;

- Identificar, na perspetiva de alunos e respetivas Diretoras de Turma, quais as características de um professor competente;
- Identificar, na perspetiva de alunos e respetivas Diretoras de Turma, quais as características de um professor incompetente;
- Obter a opinião dos alunos e das Diretoras de Turma sobre o relacionamento ou não, dos comportamentos de indisciplina com os professores e/ou as disciplinas;
- Obter a opinião das Diretoras de Turma sobre a forma como lidam com os problemas de indisciplina no âmbito da sua relação com os outros professores da turma;
- Obter a opinião das Diretoras de Turma sobre a forma como lidam com os problemas de indisciplina no âmbito da sua relação com os Encarregados de Educação;

De modo a atingir os objetivos referidos anteriormente, realizámos um estudo de caso no agrupamento de Escolas de Góis. A informação recolhida resultou da realização de entrevistas semiestruturadas a alunos do 9ºAno de Escolaridade e respetivas Diretoras de Turma.

Pretende-se, numa primeira parte, fazer uma breve análise dos estudos sobre esta temática, apontando causas, e diversos fatores relacionados com a indisciplina em sala de aula. Assim, no capítulo I aborda-se a definição de indisciplina, os níveis de indisciplina, os fatores de indisciplina e a natureza das interações em sala de aula, as qualidades de um professor competente e a forma como o tema da indisciplina é referido nos documentos orientadores do Agrupamento de Escolas de Góis.

Numa segunda parte, apresentaremos o estudo empírico realizado, nomeadamente a metodologia adotada, os resultados e as principais conclusões formuladas com base na análise de conteúdo das entrevistas, a alunos das duas turmas de 9º ano de escolaridade do Agrupamento de Escolas de Góis e às respetivas Diretoras de Turma.



## **Parte I – Enquadramento teórico**

Nesta primeira parte pretendemos abordar diversos aspetos relacionados com a problemática da indisciplina em sala de aula. Baseando-nos em diversa bibliografia, faremos referência aos seguintes pontos:

- definição de indisciplina;
- comportamentos e níveis de indisciplina;
- fatores de indisciplina em sala de aula;
- natureza das interações e as regras na aula;
- qualidades/attitudes de um professor competente em sala de aula;
- indisciplina nos documentos orientadores do Agrupamento de Escolas de Góis.



## Capítulo 1 – A Indisciplina em sala de aula

Ao falarmos de indisciplina em sala de aula temos, necessariamente, que considerar a indisciplina na escola pois, no fundo, a sala de aula é o elemento fundamental, central, da escola. Aires (2010, p. 13) refere: «A indisciplina na escola é um fenómeno intrínseco à sociedade e ao seu sistema de ensino e, dada a sua inevitabilidade, tão antiga como a própria escola». Trata-se, então, de um problema que, embora atual, não é novo encontrando-se relacionado com fatores tão diversos como a sociedade e o sistema de ensino vigente. Trata-se aliás, de um problema bem mais complexo do que possa parecer. Como o nosso estudo aborda a indisciplina em sala de aula, é oportuno salientar a opinião de Lopes e Rutherford (2001) para quem:

a escola, a matéria-prima (os alunos) tem uma relação singular com a pessoa que a trabalha, o que motiva que a sala de aula constitua uma unidade social que, para além de complicada, possui um número apreciável de particularidades em relação às quais professor e alunos têm de fazer um esforço constante de adaptação. Dos alunos espera-se, no mínimo, que aprendam e que se comportem de determinada maneira. Do professor espera-se que ensine e que constitua para os alunos um modelo credível com o qual eles se possam minimamente identificar. (p. 9)

Esta citação refere-se mais especificamente à sala de aula, e aos intervenientes na mesma: os alunos e os professores. Fala das interações permanentes que ambos estabelecem e dos deveres de cada um. Pode considerar-se que quando uma das partes envolvida na interação pedagógica não cumpre os seus deveres - ensinar ou aprender – pode ter início uma situação de indisciplina. Ao longo deste capítulo iremos fazer referência mais detalhada a esta temática. Começaremos por discutir do que se fala quando nos referimos ao termo «indisciplina». De seguida abordaremos os comportamentos e níveis de indisciplina, os fatores de indisciplina em sala de aula, a natureza das interações e as regras na aula, as qualidades / atitudes de um professor competente em sala de aula e a indisciplina nos documentos orientadores do Agrupamento de Escolas de Góis.

## 1.1 – Definição de «indisciplina»

Antes de mais, é pertinente conhecer o significado do termo que, ao longo deste trabalho, iremos tratar e estudar, referindo-o imensas vezes.

De acordo com o dicionário da Porto Editora<sup>1</sup> indisciplina é «falta de disciplina; acto ou dito contrário à ordem ou regras estabelecidas; desordem; rebelião; incapacidade de agir de forma metódica».

Analisando esta definição, compreende-se que se trata de um desacato às ordens ou regras definidas, e que, em sala de aula, pode consistir na falta de atenção, na desconcentração, na perturbação do trabalho, nas conversas paralelas, no incumprimento das atividades propostas, na desobediência, no desrespeito pelos colegas e professores, no impedir o normal funcionamento das atividades letivas, etc.

Segundo Carita e Fernandes (2002)

quando falamos em indisciplina na sala de aula estamos antes de mais a falar de alguma coisa de particularmente perturbador para a generalidade dos professores. A indisciplina perturba os professores, afecta-os emocionalmente, mesmo mais do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente também têm que se confrontar.

(p. 15)

Nesta obra, as autoras referem que o conceito de indisciplina está intimamente relacionado com problemas atuais da sociedade, como o incumprimento de regras, o desrespeito pelos outros, a falta de valores, entre outros aspetos. Trata-se, portanto, de um processo complexo de definir, tal como é difícil encontrar causas e explicações para o facto, uma vez que depende de diversos fatores, de que falaremos mais à frente. Este problema, que cada vez mais, preocupa os professores, pais e outros agentes educativos, interfere, principalmente, em sala de aula obrigando os professores a um esforço suplementar para conseguirem remediar as situações inadequadas, sem descurarem o seu dever principal, que é o de ensinar.

Estrela, na obra «Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula» (2002, p. 17), refere que o conceito de indisciplina está intimamente ligado ao de disciplina e, neste sentido, salienta a perturbação resultante do não cumprimento das regras definidas: «O conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a

---

<sup>1</sup> <http://www.portoeditora.pt/especial/index/documento/DOL>

ser definido pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente da quebra, das regras estabelecidas». Estas atitudes de desrespeito e de não cumprimento das normas previamente estabelecidas para o normal funcionamento das aulas colocam em causa a dinâmica adequada da aula, impedem o sucesso escolar do grupo/turma e do aluno infrator, em particular, colocam em causa a autoridade do professor, criam mau ambiente quer entre alunos, quer entre professor e alunos. Estrela (2002) entende, assim, que os conceitos de disciplina e de indisciplina não podem ser analisados separadamente, mas como um todo, sendo um o oposto do outro, pelo que ao serem definidas regras para manter a disciplina em sala de aula, o seu incumprimento traduz-se em indisciplina.

Amado e Freire (2009) iniciam a sua obra abordando, precisamente, este conceito:

Na escola, como em qualquer organização social, os conceitos de disciplina e de indisciplina estão associados à necessidade dos seus membros se regerem por normas e regras de conduta e de funcionamento que facilitem quer a integração de cada pessoa no grupo - classe e na organização escolar em geral, quer a convivência social decorrente da definição de um quadro de expectativas que tornem os comportamentos previsíveis. (p. 5)

Mais uma vez se verifica a associação do conceito às normas mínimas para a existência de um bom ambiente escolar e, mais precisamente de sala de aula. É importante saber o lugar de cada um, bem como os direitos e deveres, pois só com harmonia e entendimento se pode trabalhar em grupo. Está aqui bem implícito a importância de noções de cidadania, solidariedade, cooperação, colaboração, tudo elementos que se encontram na escola, mas que provêm muito da sociedade envolvente e dos ensinamentos provenientes da família. É necessário saber onde acaba e termina a liberdade de cada um, para que todos possamos usufruir em plenitude de boas ações e práticas educativas. Basta um elemento para destabilizar toda uma turma, para pôr em risco as boas relações entre todos os elementos que intervêm e interagem no ambiente de sala de aula.

Num esforço de definir o fenómeno tendo em conta os seus fatores, Amado (2001) considera que

a indisciplina é, precisamente, um dos aspetos mais notáveis e observáveis dessa vida na aula enquanto fenómeno relacional e interativo que se concretiza no incumprimento das regras que estabelecem, presidem e orientam as condições das tarefas na aula e,

ainda, no desrespeito de normas e valores que fundamentam o são convívio entre pares e a relação com o professor enquanto pessoa e autoridade. (p. 43)

Nesta definição chama-se a atenção para a importância dos fatores relacionais, das interações sociais em sala de aula, quer entre pares quer entre professor e alunos. Para o autor, o fenómeno das interações pedagógicas constitui uma possível explicação para a existência de indisciplina em sala de aula.

Mais recentemente, Estanqueiro (2010) define indisciplina como:

um conjunto de comportamentos dos alunos que perturbam o normal funcionamento da aula (por exemplo, chegar atrasado, fazer barulho, não trazer material de trabalho, não realizar as tarefas propostas, usar o telemóvel, falar ou sair do lugar sem autorização). Os comportamentos indisciplinados são frequentes e envolvem muitos alunos, em quase todas as escolas. Constituem um desafio permanente à paciência dos professores. (p. 62)

Esta definição foca as atitudes dos professores e a necessidade que eles têm de repensar estratégias para ensinar e cativar a atenção dos seus discentes.

Indisciplina é toda uma série de atitudes e comportamentos tidos em sala de aula, provocados pelos mais diversos fatores, que prejudicam e põem em causa o que se considera aceitável para um relacionamento saudável, harmonioso, no sentido de atingir o sucesso escolar dos discentes. Estas atitudes podem ser iniciadas por vontade espontânea do aluno, mas também o docente tem de ter bem presente a natureza da interação pedagógica, para que não aconteça ser ele o causador desses comportamentos.

Muitos mais autores se interessaram por esta temática fazendo estudos sobre a mesma, nomeadamente Lopes e Rutherford (2001) para quem

o conceito de indisciplina, apresentado usualmente como a negação da disciplina, difere do conceito de violência, uma vez que não implica a existência de agressões intencionais, com clara violação dos direitos de terceiros. Por outro lado, enquanto a violência tem um carácter esporádico e surge por constelações de elevada intensidade, a indisciplina tende a ser representada por comportamentos de baixa intensidade mas de elevada frequência. Assim, enquanto os actos violentos são tendencialmente raros mas produzem danos elevados, os actos de indisciplina são tendencialmente mais

numerosos mas produzem menos efeitos negativos (para além de os efeitos serem menos duradouros). (p. 20)

Este conceito de indisciplina, tal como já se referiu anteriormente, apresenta-a como uma contestação à noção de disciplina. Nesta citação é, ainda, efetuada uma comparação entre os conceitos de violência e de indisciplina. Está bem claro que são conceitos diferentes e que não podem ser confundidos.

Aires (2010) considera que a noção de indisciplina está intimamente relacionada com a sociedade, tratando-se de um problema antigo,

a indisciplina na escola é um fenómeno intrínseco à sociedade e ao seu sistema de ensino e, dada a sua inevitabilidade, tão antigo como a própria escola. Este tipo de indisciplina apresenta manifestações, muito características, cujo sentido apenas se revela no confronto com o processo pedagógico implementado na sala de aula. (p. 13)

O mesmo autor faz referência a outras definições de indisciplina, como a de Charlton e David (1993, citados por Aires, 2010):

Conjunto de comportamentos verbais e não-verbais que, de diferentes modos e em diferentes graus, desafiam a autoridade do professor ou da escola. Esta definição sugere que a indisciplina escolar é, em parte, um produto social, na medida em que o problema não reside apenas no seio do indivíduo, também nas interações do indivíduo num certo ambiente. (p. 13)

Aires considera ainda que a indisciplina está intimamente relacionada com o meio social do qual o aluno faz parte. Garner e Hill (1995, citados por Aires, 2010):

Consideravam a indisciplina a gama de comportamentos que limitam ou impedem a normal participação da criança ou jovem nas atividades educativas; que afetam a aprendizagem dos colegas do aluno indisciplinado; que exigem demasiado dos recursos escolares - professores, restante pessoal e meios materiais. (p. 14)

Esta definição faz referência a todos quantos saem prejudicados sempre que ocorre uma situação de indisciplina.

Ainda segundo Curto (1998, p. 17) «A noção de indisciplina surge como um factor subjectivo e de difícil definição, tendo os docentes formas diferentes de encarar os mesmos problemas». Esta afirmação faz, essencialmente, referência ao carácter subjetivo da definição deste conceito. Nem todos os professores consideram as mesmas atitudes como sendo de indisciplina. De uma forma geral todos são unânimes em considerar que se trata de uma problemática atual, que se tem vindo a desenvolver e a aumentar ao longo dos tempos. Trata-se também de algo que afeta todas as faixas etárias, pelo que não se pode dizer que apenas existe no segundo ou terceiro ciclos, pois desde o Ensino Pré-Escolar que já são identificados comportamentos considerados de indisciplina

As definições de indisciplina apontadas anteriormente fazem referência a este comportamento na sala de aula e também nos restantes espaços da escola. No entanto, no nosso estudo optámos por nos centrar na indisciplina em sala de aula. Assim, ao falarmos de indisciplina, falamos de comportamentos/atitudes desviantes do contexto de sala de aula, comportamentos esses que perturbam o normal funcionamento das aulas, obrigam o docente a interromper a aula, impedem os alunos de estar atentos e realizar as atividades que lhe são propostas, impedem os alunos de aprender os conteúdos em suma, impedem os alunos de alcançar boas classificações. Em determinadas situações, estes comportamentos/atitudes desajustadas podem traduzir-se em agressões verbais aos colegas e ao próprio professor, chegando, por vezes, ao extremo de assumir a forma de agressões físicas. Como é fácil compreender, todas estas atitudes dificultam o normal funcionamento das aulas, chegando mesmo a impedir o desenvolvimento das atividades previstas e necessárias à aprendizagem. Quantas vezes é necessário colocar o ensino de parte, e transformar a aula numa sessão que esperamos, seja proveitosa, sobre boas maneiras, respeito, boa educação, noções de hierarquia, etc.?

## **1.2 – Comportamentos e níveis de indisciplina**

Quais os comportamentos passíveis de serem considerados como indisciplina? Convém, antes de mais, salientar que este tema é complexo, uma vez que cada docente pode considerar a mesma atitude ou comportamento de um determinado aluno como sendo de indisciplina ou não.

Tendo em consideração Amado e Freire (2009), podemos considerar que todo e qualquer comportamento desviante da conduta previamente definida como exigível ou tida como fundamental para a realização do trabalho, para o enquadramento das relações pessoais e para a sustentabilidade da organização/instituição (no caso, a aula e a escola) se trata de indisciplina. Se analisarmos as manifestações de comportamentos considerados de indisciplina referidos por professores, facilmente compreendemos a necessidade de os agrupar segundo as suas características. Por exemplo um aluno que está desatento mas que não está a perturbar a aula tem uma atitude diferente daquele aluno que está constantemente a fazer comentários inoportunos e desadequados, e bem diferente daquele outro que não respeita a opinião dos colegas e que goza mesmo com um colega dentro da sala de aula, ou que não obedece às ordens do professor. Pelo facto de o comportamento desviante poder manifestar-se de várias formas, (certamente, também traduzindo causas e consequências diversas) Amado e Freire (2007) propõem a distinção de três níveis de indisciplina:

1º nível: - desvio às regras de trabalho na aula;

2º nível: - indisciplina perturbadora das relações entre pares;

3º nível: - problemas da relação professor – aluno.

Logicamente nem todas as atitudes desviantes às regras de bom comportamento em sala de aula têm as mesmas causas, as mesmas consequências e a mesma gravidade, pelo que parece adequado considerá-las em níveis de indisciplina diferentes e, conseqüentemente a exigir formas diversas de intervenção. Como professores, é pertinente enquadrar os comportamentos/attitudes dos alunos nos respetivos níveis, a fim de aferirmos qual a atitude e a intervenção mais adequada.

O primeiro nível de indisciplina, ou seja, o **desvio às regras de trabalho na aula**, está relacionado com o incumprimento das regras consideradas básicas para o bom funcionamento da aula, o que vai gerar a perturbação da aula, bem como ter como consequência a não realização das atividades propostas. Estes comportamentos impeditivos do normal funcionamento da aula podem ser muito variados; por exemplo: conversar com colegas, olhar para a rua, não realizar o que o professor solicita, fazer desenhos, não levar material, não respeitar os colegas, fazer comentários inapropriados, etc. Trata-se, portanto, segundo Amado e Freire (2009, p. 11) do «...incumprimento de um conjunto de exigências instrumentais que enquadram as atividades dentro do espaço de aula, impedindo ou dificultando a obtenção dos objetivos de ensino aprendizagem ...».

O segundo nível de indisciplina, a **indisciplina perturbadora das relações entre pares**, tem a ver, como a própria designação indica, com a perturbação das relações entre

pares; está em causa o indispensável respeito mútuo entre os alunos e a solução pacífica dos conflitos existentes e inevitáveis no grupo turma e na escola em geral. É um facto, por demais constatado, a existência de situações de agressão verbal e física podendo mesmo causar danos físicos ou morais. Manifesta-se pelos comentários desadequados, pelo gozo de colegas que dão respostas erradas, mas também pode ocorrer por atitudes de gozo para com bons alunos que são aplicados e obtêm boas notas. São alunos que, em sala de aula, interrompem para fazer comentários e ter atitudes de desrespeito para com os outros, principalmente de forma verbal. Mas há ainda situações por vezes invisíveis aos olhos do próprio professor e que se relacionam com a estrutura grupal da turma: divisões e rivalidades internas entre subgrupos ou elementos isolados, provocados por valorizações diferenciadas da vida escolar (o que se prende, também, muitas vezes, com fatores de ordem cultural e sociofamiliar), invejas, ciúmes, rivalidades amorosas, etc. etc – todo um conjunto de aspetos que fazem parte do quotidiano das pessoas em grupos e instituições. Os casos mais graves destes comportamentos degeneram em situações de *bullying* e de *cyberbullying*, podendo atingir, geralmente nas suas repercussões exteriores à aula, foros de delinquência e de crime.

Este nível de indisciplina traduz a falta de cooperação entre os colegas, de união, de amizade, de espírito de entreajuda. Neste grau de indisciplina cabe ao professor não só repor a normalidade da aula, mas também alertar para as atitudes permitidas no contexto de sala de aula, os comportamentos adequados, as normas de conduta social, de civismo que todos devem praticar, a fim de se obter uma boa relação de convivência. Há, ainda, a este nível, todo um trabalho a realizar no quadro do Conselho de Turma e da Escola, no sentido de formar nos alunos competências para a resolução pacífica dos conflitos.

O terceiro nível de indisciplina, relativo aos **problemas da relação professor – aluno**, tem a ver, tal como os níveis anteriores, com comportamentos que prejudicam as condições de trabalho mas a que acresce o facto de porem em causa a dignidade do professor, como profissional e como pessoa. Neste nível são bastante notórias, entre outros fatores, as influências que os alunos trazem de casa e da sociedade, fazendo na escola precisamente o que fazem com os pais. São bem conhecidos os casos em que os próprios pais admitem ser os filhos a mandar e não conseguirem fazer-se impor e respeitar face aos seus educandos. Com estas posturas em casa, onde o aluno faz o que quer, como quer, respondendo da forma que lhe apetece, sem que os pais consigam impor a sua autoridade exigindo que os filhos os respeitem, na escola e perante os professores, o aluno vai atuar da mesma maneira, considerando ser ele o detentor de todo o poder, e adquirindo uma postura de oposição à autoridade do professor. Tal como referem Amado e Freire (2009, p. 88), a este nível trata-se

de: «...comportamentos de indisciplina que apresentam maior gravidade, pelo seu carácter «desrespeitoso», «agressivo», «ofensivo», de desafio, de desdém pelas normas e exigências da escola». É um nível de indisciplina em que o objetivo principal do aluno é pôr em causa o poder e, até mesmo, o saber do professor, desautorizando-o perante a turma. Trata-se de atitudes que para além de obrigarem o docente a interromper a aula, o colocam numa posição frágil não só perante aquele aluno, mas perante toda a turma. Em casos mais extremos, este nível de indisciplina chega mesmo a agressões físicas ao docente. São alunos que requerem muita atenção, mas que pretendem que a aula decorra da forma que mais lhe convém. Querem ser eles a mandar, a ter o domínio da situação e a sair vitoriosos, não se preocupando com as atitudes que estão a tomar face à situação e às pessoas em causa. Este tipo de ocorrências pode acontecer a qualquer docente – uma vez que persistem muitos fatores estranhos ao ato pedagógico, como as influências familiares e sociais e problemas pessoais do próprio aluno - mas aqueles professores que não possuem um bom relacionamento com a turma ou com algum aluno em especial, aqueles que não conseguem fazer-se respeitar e respeitar os seus próprios alunos (dando azo a grandes falhas logo ao primeiro nível de indisciplina), encontram-se numa situação de maior probabilidade de estas ocorrências lhes poderem acontecer.

Em suma é com base nestes três tipos de indisciplina que iremos trabalhar. A investigação (Amado, 2001; Amado & Freire, 2007) demonstra que o nível de indisciplina mais frequente é o primeiro, o do desvio às regras de trabalho, mas que, implicitamente conduz às perturbações entre pares e ao conflito com professores. Também nós, pela experiência direta, sabemos que na escola onde iremos realizar as entrevistas, e onde trabalhamos já há quatro anos, o tipo de indisciplina que vigora é a de desrespeito pelas normas e regras de trabalho (1º nível de indisciplina – desvio às regras de trabalho na aula). São atitudes como o não se sentar direito, não tirar o boné dentro da sala, não desligar o telemóvel, conversar com os colegas, estar distraído, interromper a aula com questões que nada têm a ver com o assunto abordado, não trazer o material necessário, .... São situações que não se podem classificar como graves em si mesmas, mas que perturbam, incomodam, causam cansaço tanto nos docentes como nos discentes que estão interessados e querem estar atentos e compreender a matéria que está a ser abordada – e nisso está a sua gravidade. Por este facto iremos na nossa investigação debruçar-nos mais neste primeiro nível de indisciplina, aquele que diz respeito ao desvio às regras de sala de aula, sem deixarmos de estar atentos ao que possa relacionar-se com os outros níveis. Admitimos que após realizar as entrevistas aos alunos e professores possamos até vir a chegar à conclusão contrária acerca da

predominância dos níveis de indisciplina. Convém salientar que lecionamos apenas turmas do Segundo Ciclo, ao passo que iremos realizar entrevistas a alunos do Terceiro Ciclo, pelo que os resultados das entrevistas podem vir a revelar-nos uma realidade desconhecida.

### **1.3– Os fatores de indisciplina na sala de aula**

Por mais estudos que se realizem, é sempre difícil identificar todas as condições propícias à existência de indisciplina em sala de aula. Como já o fizemos ver na alínea anterior, estas condições estão estreitamente relacionadas com toda uma série de fatores dos quais são indissociáveis, e que variam com bastante facilidade. Segundo Amado (2003)

Um dos aspectos a salientar é o da complexidade do problema da indisciplina (que não se compadece com o habitual simplismo das explicações), e a necessidade de a encarar de um modo sistémico e holístico, na medida em que os seus factores são múltiplos e instalados em domínios muito diversificados: há factores sociais, culturais, geracionais e políticos, há diversos factores familiares, há-os inerentes à história de vida e personalidade dos próprios indivíduos (professores e alunos) em causa, há os que derivam do estilo de liderança e governo da escola, da dinâmica do grupo - turma e, ainda, da natureza da relação e da interacção pedagógica na aula. (p. 2)

Como podemos concluir, os fatores de indisciplina estão relacionados não só com o ou os alunos, mas com toda uma série de elementos que envolve o professor e toda a comunidade educativa. Neste sentido pode-se apontar por exemplo o método expositivo utilizado pelo professor nas aulas, o facto de a matéria não se revelar interessante, a falta de motivação e interesse pelos estudos por parte dos alunos, a por parte dos docentes, a postura (vestuário, maneira de falar ou de se deslocar, tiques, ...) dos professores, entre outros. Amado (2003) faz referência aos aspetos que os alunos salientam relativamente aos professores em cujas disciplinas existe um menor grau de perturbação ou, pelo contrário, condições de trabalho:

No respeitante à fase de gestão da aula há algumas notas relevantes: uma é a exigência de que o professor ensine e tudo faça para que os alunos aprendam – uma

chamada de atenção para a necessidade de clareza, organização, metodologia activa, interesse e entusiasmo pelo que se transmite (com esse professor dá gosto estar atento). (...) Sublinha-se, ainda, a necessidade de o professor transmitir sinais de que acredita nos seus alunos e ter, por isso, expectativas realistas, mas positivas, em relação a eles. Finalmente, o clima da aula constituído por uma combinação entre exigência, respeito e humor é, na perspectiva dos alunos, ao mesmo tempo o mais produtivo e o mais agradável». Esta citação transcreve, de uma forma muito clara e precisa a opinião dos alunos, relativamente ao que esperam dos seus professores, admitindo, assim, a existência de um clima favorecedor de disciplina e de aprendizagem. (pp. 4-5)

Freire (2001, citada por Amado, 2010), evidencia outros fatores de grande pertinência e que resultam do estudo acerca do ambiente relacional da escola, das condutas dos alunos e do sucesso/insucesso escolar. Neste sentido, e citando Amado (2010)

Confirmou que os panoramas mais negros se associam a um clima negativo traduzido, entre outros aspectos, num ambiente de concorrência, na falta de entendimento, comunicação e colaboração entre professores, na ausência de participação e de envolvimento do aluno a diversos níveis, na desorganização, falta de regras e de normas claras conhecidas por todos, na irregularidade do regime de punições, no sentimento de impunidade vivido pelos alunos, no sentimento de que se é vítima de alguma forma de injustiça, e nos currículos desfasados dos interesses dos alunos. ( p.5).

Para além de fatores diretamente relacionados com os professores e com a escola, facilmente resolvidos com a boa vontade e a cooperação entre estes elementos, no sentido de ultrapassar estas dificuldades, faz-se, ainda, referência aos currículos escolares. As dificuldades em superar os problemas associados aos currículos escolares são maiores, pois a escola pode não ter autonomia suficiente para esta tomada de decisão. No entanto, certamente tem a possibilidade de fazer adequações ajustadas às necessidades dos seus alunos.

Em jeito de conclusão, recorreremos ainda às palavras de Amado (2010)

Observámos, entre outros aspectos, que as condições da indisciplina e da violência se verificariam desde que os alunos deparassem com um professor permissivo ou

autoritário, pouco credível (por exemplo nas ameaças), rotineiro nas estratégias de ensino, desorganizado nas tarefas, confuso na comunicação, com preferências nas interações didáticas e de controlo. Enfim, concluímos que a expectativa natural dos alunos é a de encontrarem um professor que saiba ensinar e saiba constringer com humanismo. (p. 5)

### **1.3.1 – A natureza das interações e as regras na aula**

Tendo em conta a nossa focagem privilegiada sobre o primeiro nível de indisciplina, o desvio às regras de trabalho, julgamos fundamental colocar todo um conjunto de questões prévias sugeridas pela bibliografia consultada (Amado & Freire, 2007). Assim, torna-se indispensável saber quais as atitudes que os alunos têm em sala de aula, que podem ser consideradas como desviantes das regras de trabalho, quais as regras previamente definidas pelos professores e como foram elas estabelecidas (terão sido sugeridas pelos alunos ou professor? Terão sido impostas? Foram definidas punições? São regras definidas a nível de escola, de turma ou de professor? Quando foram definidas?...). E podíamos continuar aqui a colocar uma série de questões que embora possa parecer que não têm influência nos comportamentos dos alunos, a investigação (Amado e Freire, 2007) sobre o modo como as regras são transmitidas aos alunos, se todos os docentes utilizam as mesmas normas, se os alunos compreendem a importância e a necessidade de serem estabelecidas, entre outros aspetos são fatores da maior importância para o bom funcionamento de uma aula.

Estas questões acerca das regras na aula e a sua relação com o tipo de interações sociais presentes no mesmo contexto (em especial entre professor e alunos), evidenciam-se como fundamentais para o nosso trabalho empírico.

Segundo Giddens (1996, citado por Amado, 2001)

A interação tem três elementos fundamentais: a sua constituição como significante; a sua constituição como ordem moral; a sua constituição como a operação de relações de poder. Trata-se de elementos separáveis apenas por uma questão de análise, já que, na vida, se encontram engenhosa e estreitamente entrelaçados. (p. 95)

Quando se fala de interação como significante, pretende fazer-se referência à interpretação que cada um dos intervenientes da interação faz das atitudes/comportamentos observados no ou nos outros elementos. Ou seja, tanto o professor tenta descodificar o significado dos comportamentos/atitudes do ou dos alunos, quanto os alunos simultaneamente estão a descodificar o que determinado comportamento do professor pode significar. Por exemplo é frequente o professor parar a explicação da matéria quando existem conversas paralelas entre os alunos. Neste momento e face a esta atitude, os alunos compreendem o porquê de o professor estar calado, bem como se apercebem de quem são os infratores; os próprios transgressores das regras percebem que aquela atitude é devida ao seu comportamento. Outro exemplo, quando um aluno, escolhe os lugares do fundo da sala, existindo lugares vagos à frente, ou se senta junto a uma janela, facilmente o professor infere que aquele aluno não está interessado a cem por cento na aula, pelo que cabe ao docente efetuar esforços e desenvolver estratégias para o envolver nas atividades, levando-o a alterar a sua postura.

Tal como referido na citação anterior, vimos que as interações assentam numa ordem moral; pode dizer-se, por isso, que as interações na aula podem estar (ou não) enquadradas por regras e por sanções estabelecidas no decurso do ano ou mesmo desde o início. Quer dizer que, é suposto, que as interações, nos mais diversos contextos, mormente na aula e na escola, são reguladas por regras que dão forma e sentido às próprias interações.

Aqui podemos ver duas vertentes: a do professor que entende as regras como ordens a cumprir pelos alunos, exigindo a submissão dos alunos ao que lhe é imposto; e a visão dos alunos que, entre outras, pode ser a de contestação a toda e qualquer regra que lhe seja imposta, não compreendendo a necessidade da sua existência.

Finalmente, ter em conta as interações como relações de poder significa que no interior das mesmas existe sempre uma relação submetida a um jogo de poder (pela força, pela inteligência e saber, pela sedução, etc.). Isso não é exceção na aula; também nela se verificam interações em que um dos intervenientes pretende usar o poder, a autoridade para se sobrepor ao outro, com a intenção de o controlar. Em geral esta relação de poder é mais notória da parte do professor, chegando mesmo este a utilizar a sua autoridade com ameaças de utilização de vários tipos de sanção.

Mas não é só o professor que tem poder. Os alunos também o possuem, ainda que possa não ser estatutariamente reconhecido; têm o poder de grupo, tanto maior quanto maior for o número de colegas que os apoiam. Têm um poder físico, por vezes maior do que o do professor (Amado, 2001). O facto de não se contar com estes poderes dá origem a graves

conflitos. Basta recordarmo-nos de algumas notícias sobre agressões de alunos a professores, para comprovarmos que, quando querem, os alunos desautorizam completamente os docentes (suportados pelos colegas que calam, consentem e aplaudem); alguns deles controlam os colegas, levando-os a tomar as atitudes por eles desejadas, chegando mesmo a humilhar e agredir verbal e fisicamente o professor.

Esta reflexão sobre a natureza das interações leva-nos, de novo, à questão das regras na aula. Como afirma Amado (2001)

As regras na aula, têm, portanto, dois grandes objectivos; por um lado, como instrumentos de socialização, visam criar estruturas de pensamento que permitam dar sentido às relações sociais. Por outro lado, elas surgem como recursos práticos da gestão da aula de modo a que, através delas, se possam regular as interações e se consigam alcançar os objectivos de ensino-aprendizagem que é pressuposto presidirem às actividades. (p. 99)

Na maior parte dos casos, a indisciplina ocorre quando os alunos não cumprem as regras estabelecidas previamente, e até, manifestando o seu poder, querem impor as suas próprias regras. Temos vindo a falar de regras e do seu não cumprimento, mas afinal qual o motivo que leva os alunos a tomar essas atitudes? Porque é que alguns alunos insistem em não cumprir as regras estabelecidas pelo professor?

João Amado (1998, citado por Amado & Freire, 2009) define quatro tipos de regras: comunicação verbal; comunicação não-verbal; mobilidade e cumprimento da tarefa.

Quanto ao desvio às regras de comunicação verbal, estas podem ter uma função de contacto (algo sem grande importância como por exemplo um comentário feito com o parceiro); função de exibição (quando o aluno pretende chamar a atenção); por norma trata-se de alunos que sentem a necessidade de ter toda a atenção para si mesmos; comportamentos de proposição (têm como objetivo tornar a tarefa mais agradável para o aluno); comportamentos de evitamento (consistem em pausas que os alunos fazem que podem ser provisórias ou definitivas relativamente à tarefa que estão a realizar), comportamentos de obstrução (quando os alunos obrigam o professor a interromper a aula para controlar os alunos infratores) e comportamentos de imposição (trata-se de o aluno querer impor as suas próprias regras em contradição com as do professor).

Relativamente a este aspeto desviante, as funcionalidades que se verificam mais são: a função de contacto, a função de exibição, comportamentos de evitamento e comportamentos de imposição.

No desvio às regras da comunicação não-verbal há a salientar: o riso e o sorriso (tanto pode ser entendido como uma cumplicidade entre professores e alunos, como uma reação contra a autoridade e a rotina e neste caso está intimamente relacionado com a função de obstrução), o olhar (um aluno desinteressado raramente olha para o professor, ao contrário do aluno interessado que mantém um olhar fixo e atento), gestos e movimentos (pequenos gestos que demonstrem a aplicação das regras estabelecidas revelam um aluno interessado ao contrário de outros como por exemplo mudar de lugar sem autorização, que já denotam um desinteresse e fadiga), posturas incorretas (quantas vezes reparamos que os nossos alunos estão com a cabeça deitada sobre o braço, a espreguiçar-se, quase deitados na cadeira, tudo isto são sinais de alerta para o professor, revelando cansaço, enfado, desinteresse) e aspeto exterior e apresentação (em nossa opinião, a forma como os alunos se apresentam nas aulas é mais revelador da sua personalidade e da moda do que propriamente sinónimo de indisciplina, no entanto ainda não foram realizados estudos a este respeito).

A este nível e tendo sempre em linha de conta o Agrupamento de Escolas de Góis e nossa experiência enquanto professores desse Agrupamento, verifica-se o riso e o sorriso como função de obstrução, o olhar, os gestos e movimentos e as posturas incorretas.

Abordando agora os movimentos perturbadores, temos de referir as deslocações não autorizadas (por norma quando os alunos se deslocam nesta situação ou é para junto de colegas que, tal como eles não estão interessados nas atividades, ou para junto de janelas de forma a poder observar tudo o que se passa no exterior, mas estando alheios ao que se passa no interior da sala de aula) e as brincadeiras (aqui podemos encontrar as mais diversas atitudes, com a finalidade de evitamento da realização da tarefa).

Quanto aos movimentos perturbadores, e tendo em consideração a nossa experiência no Agrupamento, apenas salientamos as brincadeiras.

Finalmente, temos os desvios ao cumprimento da tarefa onde se salientam: atividade fora da tarefa (consistem na realização de tarefas diferentes das propostas pelo professor), falta de material (impede a realização das atividades, pelo que pode ser visto como uma função de obstrução, uma vez que o aluno vai acabar por perturbar a aula), falta de pontualidade (pode ocorrer ocasionalmente, mas quando se torna abusiva revela uma função de imposição, de prolongamento do intervalo), falta de assiduidade (pode manifestar a falta de interesse pela disciplina). A este respeito, e no que concerne à definição das regras, Amado

(2001) fala-nos em dois tipos de professores: os autocráticos e os democráticos. Facilmente se compreende a diferença entre eles, bem como quais os preferidos dos alunos. Enquanto os professores autocráticos definem as regras e as impõem aos alunos, chegando mesmo a desafiar os interesses e vontades dos mesmos, os professores democráticos estabelecem as regras em parceria com os alunos (nos aspetos em que isso é possível), ouvindo as suas opiniões, interesses e vontades – no fundo, reconhecendo simultaneamente os seus poderes e os seus direitos.

Esta questão leva-nos a um outro tema que consideramos de todo pertinente num trabalho sobre a problemática em que nos centremos: a de saber quais as características de um professor competente no que respeita à gestão das relações no quadro da aula. É disso que vamos tratar no capítulo seguinte.

#### **1.4– As qualidades /atitudes de um professor competente em sala de aula**

São diversos os fatores que podem fazer um professor ser competente. Segundo Lopes e Rutherford (2001), um dos principais fatores são as atitudes tomadas no primeiro dia de aulas, o facto de ser um professor democrático, isto é, em vez de impor as regras que quer ver cumpridas nas suas aulas, dialoga com os seus discentes sobre o que é exigido, de modo a que os alunos compreendam a razão de ser do cumprimento das regras que estão a definir. Deste diálogo pode, ou não, haver consenso entre ambas as partes acerca das regras a serem implementadas. No entanto, é importante que o professor crie condições para que os alunos tomem consciência da necessidade de estabelecimento das mesmas.

Não é somente o facto de um docente saber dialogar com os seus alunos no sentido de definir regras, que faz dele um professor competente. Para além das regras a serem implementadas, existem outros fatores a ter em consideração: é necessário que o professor conheça bem a matéria, e a saiba ensinar de forma eficaz aos seus alunos; tem de saber gerir a turma tendo em consideração a heterogeneidade dos alunos; tem de conseguir envolver e cativar os seus alunos para a realização das atividades que pretende desenvolver; tem de ser um professor que saiba respeitar os seus alunos e que se faça respeitar, não pela imposição e autoritarismo, mas pelas suas ações demonstrando afeto e compreensão, bem como prestando

atenção ao que se passa com todos os alunos da turma. É um professor que tem de tratar todos os alunos de forma igual e não pode permitir favoritismos.

A indisciplina ocorre quando as expectativas dos alunos não são concretizadas. Estudos feitos por Amado (2001) comprovam que os alunos gostam de professores que atuem com autoridade e poder dentro da aula, professores que sejam exigentes. Pretende-se que o professor consiga encontrar um equilíbrio entre o autoritarismo e a permissividade. Quando se trata de autoritarismo puro, o professor passa a imagem de uma pessoa com abuso de autoridade, rígido, agressivo, sendo conotado pelos alunos de um modo negativo. É o tipo de professor que os alunos referem como tendo medo de falar, ou de fazer qualquer coisa. Por oposto temos a permissividade, também nada do agrado dos alunos; é o tipo de professor que deixa que os alunos façam tudo, permitindo que se instale o caos dentro da aula. Ainda encontramos professores indiferentes, isto é, que gerem a aula com uma tal desmotivação que, desde que os alunos não os incomodem, eles também não incomodam os alunos, está tudo bem; ou seja, os alunos podem brincar, fazer desenhos, etc, ... só não podem interromper o professor que parece ter a lição decorada, chega à aula transmite a informação e está concluída a tarefa de ensino aprendizagem. Mas como é obvio, e porque nem todos os professores têm problemas de indisciplina em sala de aula, existem aqueles a que Amado (2001) chama de Assertivos. Trata-se de professores que respeitam os alunos, e se fazem respeitar; são professores que são capazes de elogiar um aluno por uma atitude correta, mas também o chamam à atenção quando transgride as regras. Por norma são aqueles professores com quem os alunos vão ter quando precisam de falar de algum assunto pessoal, pedir uma opinião ou até ajuda para realizar um trabalho para outra disciplina. Aproximamos estes professores assertivos, da noção de professores “eficazes”.

Segundo Lopes e Rutherford (2001)

No essencial, os professores eficazes evidenciam os seguintes comportamentos, que os distinguem consistentemente dos professores ineficazes: testemunhação (...), sobreposição (...), continuidade de sinal e ritmo das lições (...), variedade e desafio do trabalho no lugar (...) e estabelecimento de regras e procedimentos (...). (pp. 129-136)

Esta citação reflete bem as diversas e indispensáveis características e capacidades que um professor competente deve possuir. Trata-se de diversos aspetos que um professor competente não pode descurar a fim de se tornar naquilo a que os alunos chamam um “bom professor”.

Ainda segundo Amado (2003, p. 3), a competência do professor é constituída por diversas dimensões «que se completam mutuamente e que crescem de modo coerente entre si». Segundo o autor são elas, as dimensões: técnica, relacional, clínica e pessoal. Neste sentido e tendo em conta este trabalho de Amado, a dimensão técnica está relacionada com todo o trabalho de preparação das aulas e do ano letivo, que qualquer docente deve fazer, como as planificações, a preparação das atividades entre outros aspetos. A dimensão relacional tem a ver com as relações estabelecidas pelo docente quer com os alunos quer com os restantes elementos da escola e da comunidade escolar. A dimensão clínica reporta-se ao conhecimento particular e pormenorizado que cada docente deve ter dos seus alunos. É imprescindível o professor ter um bom conhecimento da turma e de cada aluno individualmente, pois esse conhecimento permite o estabelecimento de uma interação mais harmoniosa entre os alunos e o professor. Finalmente a dimensão pessoal diz respeito às características pessoais que cada professor possui e das experiências vividas de forma a melhorar as suas práticas letivas. Um professor competente tem de ser um docente capaz de gerir as emoções e os sentimentos. É importante elogiar e estimular a autoestima dos alunos, aquilo a que se chama o reforço positivo, quando os alunos realizam algo de positivo. Mas tem de ser um professor capaz de, no momento certo, chamar a atenção dos alunos, quando estes infringem as regras estabelecidas para o bom funcionamento das aulas.

Tal como referem Carita e Fernandes (2002)

Em suma procurámos sublinhar que o aprofundamento do conhecimento do aluno pelo professor é facilitador de uma maior proximidade e de uma melhor compreensão das necessidades e problemas dos alunos e capacita o professor para o estabelecimento de respostas mais adequadas. (p. 61)

Estão, desta forma muito sucinta, explicadas as dimensões que um professor competente deve ter bem presentes quando exerce a sua profissão, não esquecendo que o seu principal objetivo é ensinar os seus alunos, criando, ao mesmo tempo as situações pedagógicas e grupais para que se possam verificar as aprendizagens em todos os alunos.

O primeiro dia de aulas de um ano escolar, e em cada sala de aula, torna-se fundamental para compreender o jogo de interações na sala de aula, para o conhecimento mútuo de professores e de alunos e para o exercício das competências do professor. No jogo das interações, os alunos, como o tem demonstrado a investigação sobre o tema (Amado, 2001; Amado & Freire, 2007), interrogam-se sobre essas mesmas competências do professor,

fazem juízos e tiram conclusões que, de imediato, começam a ser determinantes dos seus próprios comportamentos.

É, por norma, neste primeiro encontro que se fazem as apresentações dos alunos e dos professores e que, na maioria dos casos, os professores transmitem as regras que pretendem que os alunos cumpram nas suas aulas. A imagem que o professor passa de si neste dia terá muita influência ao longo do ano. Os alunos, principalmente os mais velhos, vão “experimentar” até onde podem transgredir as regras, qual o grau de confiança em si mesmo que o docente possui, vão analisar a forma como está vestido, o à vontade com que se relaciona com a turma ou a insegurança, o tom de voz com que fala, os tiques que possa possuir, etc. Tudo isto são fatores que podem influenciar positiva ou negativamente a imagem do professor. Podem levar os alunos a gostar ou não gostar do professor independentemente da disciplina que está a ser lecionada. Em suma são indicadores que os alunos ao longo do ano vão usar para destabilizar a turma, provocar indisciplina, perturbar as aulas, impedir o normal funcionamento das lições.

É muito pertinente a abordagem de Amado e Freire (2005, p. 312) acerca deste assunto. Segundo estes autores «Nesta linha, e também na esteira de autores como Lemlech (1988), o nosso conceito de gestão alarga-se a toda a orquestração da vida na aula, incluindo aí, o modo como o professor prepara o primeiro encontro com os seus alunos, como planifica e organiza as atividades de cada lição, como executa e gere estímulos tais como a pergunta e o olhar dentro da aula, como reforça e avalia os alunos, como gere os poderes (seus e dos alunos) e como atua face a confrontos e conflitos».

Relativamente à informação a dar neste primeiro dia de aulas há que ter em conta a quantidade de regras que se colocam, já que por vezes a quantidade é tal que é impossível os alunos cumprirem-nas na totalidade. É hábito o professor falar ou registar regras a cumprir como por exemplo: ser pontual; ter bom relacionamento com colegas, professores e funcionários; cuidar do material escolar; entregar trabalhos no dia marcado pelo professor; pedir licença antes de falar; saber pedir desculpas; aguardar a sua vez de falar; falar com tom de voz adequado; ser responsável; ser educado e bom para todos; demonstrar interesse por aprender; fazer os trabalhos de casa; não sair do lugar sem autorização; não ter pastilha elástica na boca; desligar o telemóvel; não usar boné; entre outras. Reparemos que, seja qual for o aluno, é impossível lembrar-se de todas as regras estabelecidas; neste sentido seria mais vantajoso os professores adotarem uma estratégia de comum atuação, privilegiando as regras mais importantes e, quando estas se encontrem plenamente adquiridas, inserir outras que considerem importantes naquela turma.

Apesar de ser necessária a existência de regras estas, segundo diversos autores (cf Amado 2001), devem ser poucas, simples, positivas, claras, essenciais, conhecidas por ambos os intervenientes (professor e alunos) e cumpridas. Para cada regra é importante estabelecer as consequências em caso de prevaricação.

### **1.5- A Indisciplina nos documentos orientadores do Agrupamento de Escolas de Góis**

Por se tratar de um problema tão importante, aparece mesmo definido nos documentos de organização e orientação do ano escolar. No Agrupamento de Escolas de Góis, este conceito surge no Projeto Educativo 2009/2013, com uma abordagem à sua definição, fazendo referência a um conjunto de manifestações de comportamentos de indisciplina e indicando a forma como o Agrupamento pretende diminuir estes comportamentos. Desta forma, este Agrupamento de Escolas define um aluno indisciplinado como sendo aquele que: «...é, em princípio, alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma explicativa ou implícita sancionada em termos escolares e sociais». O mesmo documento clarifica ainda que: «Por indisciplina entende-se a transgressão das normas escolares, prejudicando as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou o relacionamento das pessoas da escola». Apresenta ainda uma lista de atitudes/comportamentos manifestados pelos alunos e que são considerados de indisciplina em sala de aula, a saber: «agitação do grupo; cochicho; troca de mensagens e de papelinhos; intervalos cada vez maiores; exibicionismo; perguntas feitas de forma a colocar em causa o professor ou a desvalorizar o conteúdo das aulas; discussões frequentes entre grupos de alunos, de modo a provocarem uma agitação geral; comentários despropositados e entradas e saídas justificadas». No sentido de prevenir e combater este problema, o Agrupamento considera fundamental a participação mais ativa da Família na Escola.

No Projeto Curricular de Agrupamento, este problema surge em segundo lugar nas prioridades do Agrupamento: «Promover o desenvolvimento de valores, atitudes e padrões de comportamento que contribuam para a formação de cidadãos conscientes, críticos e participativos numa sociedade democrática». Neste Agrupamento trata-se de uma temática desenvolvida desde o Pré-Escolar, na medida em que as Competências Básicas da Educação

Pré-Escolar, estabelecidas visam: «Estabelecer relação com os outros e com o mundo numa atitude de compreensão, solidariedade e respeito; Participar na vida em grupo, cooperando em tarefas e em projetos comuns; Estabelecer relação com realidades e valores diferentes desenvolvendo atitudes de tolerância, aceitação e respeito pela diferença; Adotar comportamentos adequados ao desenvolvimento de uma consciência cívica e ecológica». A nível do Ensino Básico mantém-se esta problemática patente nos objetivos gerais: «Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e socio-afetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante; proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária». Por aqui se compreende a preocupação do Agrupamento em relação à problemática da indisciplina. Falta ainda o Regulamento Interno do Agrupamento, onde se podem encontrar vários capítulos relacionados com a indisciplina: «Direitos e Deveres dos Alunos; Medidas Educativas Disciplinares; Princípios Gerais de Funcionamento do Agrupamento; Qualidade e Segurança da Comunidade Educativa».

Com todas estas referências é notório o envolvimento deste Agrupamento na prevenção e combate às manifestações de comportamentos de indisciplina. No entanto ou esta mensagem não está a ser passada da melhor forma aos alunos, Encarregados de Educação e demais Comunidade Escolar, ou está a existir outro qualquer tipo de falha de comunicação, que, pela experiência vivenciada diariamente no Agrupamento, não está a permitir atingir o sucesso desejado das medidas apresentadas. Mas esse será um tema que poderá ser abordado tanto nas entrevistas com os alunos, como com os professores, e tratado numa fase posterior a esta dissertação. Trata-se de uma tarefa que deve envolver todos os elementos ligados à escola, quer de uma forma mais direta (alunos, professores, assistentes operacionais), quer de uma forma mais indireta (Encarregados de Educação e Comunidade Educativa em geral).

Pelo que apresentámos a nível do que consta nos documentos orientadores do Agrupamento, verifica-se, sem a menor sombra de dúvida, que os comportamentos assinalados e tudo quanto se relaciona com a indisciplina em meio escolar, mais precisamente na sala de aula, está em conformidade com as leituras que efetuámos e já referimos anteriormente. Neste sentido, e uma vez que o Agrupamento e a revisão bibliográfica realizada estão muito próximos, a problemática acerca do tema indisciplina em sala de aula permanece. É, portanto, pertinente continuarmos esta investigação, especificamente nesta

escola, a fim de compreendermos a opinião de alunos e professores acerca deste tema, bem como o papel que a escola desempenha face a este tema.

A nível interno de escola, são várias as medidas que se têm tomado, com o objetivo de diminuir os casos de indisciplina, por exemplo: cada livro de ponto tem como primeira página uma folha onde os professores registam diariamente infrações relacionadas com atrasos, não realização de trabalho de casa, falta de material e comportamento incorreto. O Diretor de Turma, mensalmente, faz um apanhado global das anotações referentes a cada aluno e informa o respetivo Encarregado de Educação. Outra medida é a participação disciplinar, acompanhada ou não, de falta disciplinar e ordem de saída do aluno da sala de aula. Também todos os livros de ponto, colado na contracapa, possuem um envelope que contém folhas de participação disciplinar; é da responsabilidade do docente o seu preenchimento nos casos que considere pertinente a sua aplicabilidade, sendo que este documento é analisado pelo Diretor de Turma que, de imediato convoca o Encarregado de Educação a fim de este tomar conhecimento da referida participação. Cumulativamente com o preenchimento da participação disciplinar, o professor pode ainda marcar falta disciplinar ou encaminhar o aluno para o gabinete de disciplina ou para a biblioteca com uma tarefa para realizar enquanto permanecer fora da sala de aula. Convém referir que a marcação de falta disciplinar implica obrigatoriamente o preenchimento da participação disciplinar. Ainda no que se refere às participações e às faltas disciplinares, continuam a existir situações em que os docentes colocam o aluno indisciplinado fora da sala de aula mas não lhes indicam qualquer tarefa a realizar, e igualmente situações de marcação de falta disciplinar sem existir participação disciplinar. Neste aspeto é unicamente o sentido de responsabilidade e pleno conhecimento dos documentos internos, que os docentes estão a infringir. Com este não cumprimento do previamente definido, os alunos não podem ser devidamente sancionados, acontecendo, por vezes, o docente retirar a falta anteriormente marcada. È urgente que os docentes conheçam e apliquem sem exceções tudo quanto os órgãos competentes definiram relativamente a ações de indisciplina. Continuando com outras medidas aplicadas neste Agrupamento, após as reuniões intercalares ou de avaliação, o Diretor efetua um apanhado por turma e vai de sala em sala conversar com os alunos, fazendo-os compreender que as atitudes de indisciplina os estão a prejudicar. O acumular de participações, se o conselho de turma assim o entender, impede o aluno em causa de participar nas visitas de estudo. Se as participações forem consideradas muito graves, bem como o acumular das mesmas, é iniciado um processo disciplinar, podendo o aluno ser suspenso da escola por um determinado período de dias ou como medida extrema a aplicar o aluno pode ser expulso da escola e encaminhado para outro

estabelecimento de ensino próximo. Outra medida cuja aplicação se iniciou no ano letivo passado, foi o informar todas as turmas da sanção aplicada a cada aluno alvo de participação disciplinar considerada grave.

Até ao momento, e apesar das várias estratégias adotadas, parece que nenhuma faz com que os alunos compreendam a necessidade de ter comportamentos disciplinados seja para com os colegas, funcionários ou professores. Sente-se que os Encarregados de Educação cada vez protegem mais os seus educandos, colocando em causa o que o Diretor de Turma lhes comunica e comprova por escrito. Consideram na maior parte das vezes que o seu educando é uma vítima e que não tem culpa do que se passa na escola.

### **Síntese**

Ao longo deste primeiro capítulo relativo ao enquadramento teórico, abordámos diversos temas relacionados com o estudo que pretendemos realizar, baseando-nos em estudos anteriormente realizados. Neste sentido, considerámos pertinente fazer referência à definição de indisciplina, aos níveis de indisciplina, aos fatores de indisciplina em sala de aula, à natureza das interações e as regras em sala de aula, às qualidades e atitudes de um professor competente e à forma como esta problemática é abordada nos documentos orientadores do Agrupamento onde vamos realizar o nosso estudo empírico.



## **Parte II – Estudo empírico**

A presente dissertação apresenta na sua primeira parte uma revisão bibliográfica sobre o tema indisciplina em sala de aula, fazendo referência a vários autores e estudos realizados. Neste sentido foram abordados os seguintes temas:

- indisciplina em sala de aula;
- definição de indisciplina;
- comportamentos e níveis de indisciplina;
- factores de indisciplina em sala de aula;
- natureza das interações e as regras na aula;
- as qualidades/atitudes de um professor competente em sala de aula;
- a indisciplina nos documentos orientadores do Agrupamento de Escolas de Góis.

Nesta segunda parte, apresentamos o estudo empírico efetuado, com o objetivo de conhecer as perspetivas de alunos e Diretoras de Turma do 9º Ano do Agrupamento de Escolas de Góis face ao tema indisciplina em sala de aula. Começamos por descrever a metodologia adotada fazendo referência à natureza do estudo e à técnica de recolha de dados utilizada. Apresentamos ainda uma caracterização dos participantes no estudo e descrevemos os procedimentos adotados. No capítulo seguinte, é feita a análise e discussão dos dados recolhidos através das entrevistas a alunos e Diretoras de Turma.



## Capítulo 2 – Metodologia

Este capítulo pretende apresentar a metodologia utilizada no estudo empírico realizado.

### 2.1 - Natureza do estudo e técnica de recolha de dados

Como vamos efetuar o estudo no seu contexto real e com base no testemunho de intervenientes directos no processo de disciplina/indisciplina em sala de aula, podemos considerar que vamos realizar um estudo de caso. Como diz Hamel (1998, citado por Amado, 2009, p. 123) «(...) um estudo de caso consiste, portanto, em relacionar um fenómeno com o seu contexto e em analisá-lo para ver como ele aí se manifesta e se desenvolve». Neste sentido, no nosso estudo, o fenómeno que queremos analisar é a indisciplina em sala de aula no contexto do Agrupamento de Escola de Góis.

De modo a poder comparar opiniões de professores e alunos, optou-se por utilizar a entrevista como técnica de recolha de dados, entrevistando Diretoras de Turma e alguns alunos. É conveniente ter presente que uma entrevista, de um modo geral, é uma conversa previamente estruturada tendo em consideração os objetivos do estudo. É, citando Amado (2009, p. 181), um «(...) meio potencial de transferência de uma pessoa (o informante), para outra (o entrevistador) de pura informação; é pois, um método, por excelência, de recolha de informação». No presente estudo pretende-se obter a opinião de professores e alunos relativamente ao tema indisciplina, tendo-se feito uma preparação prévia das questões a colocar aos entrevistados para atingir os objetivos definidos. Iremos realizar entrevistas semiestruturadas em que, segundo refere Amado (2009)

As questões derivam de um plano prévio, um guião onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se pretende obter, embora, na interacção se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado. (p. 182)

Tendo em consideração que se pretende obter a perspectiva de Directoras de Turma e de alunos relativamente ao tema indisciplina em sala de aula, o presente estudo baseia-se no paradigma fenomenológico-interpretativo que, como refere Amado (2009)

O que é central nesta investigação é a compreensão das intenções e significações – crenças, opiniões, percepções, representações, perspectivas, concepções, etc. – que os seres humanos colocam nas suas próprias acções, em relação com os outros e com os contextos em que e com que interagem. (p. 70)

## **2.2 – Participantes**

Estando a realizar-se um estudo de caso, é importante fazer uma breve caracterização do Agrupamento de Escolas de Góis, das turmas envolvidas no estudo e mais particularmente dos alunos entrevistados, bem como das Directoras de Turma das referidas turmas, também elas entrevistadas.

O referido Agrupamento localiza-se no distrito de Coimbra, Concelho de Góis, que possui uma área aproximada de 270 Km<sup>2</sup>, com cerca de 4862 habitantes. Trata-se de um Concelho economicamente baseado na silvicultura, agricultura, comércio, alguns serviços e indústria. Face a estes recursos económicos, vários agregados familiares revelam carências económicas. Convém salientar que do Agrupamento fazem parte Escolas do primeiro ciclo situadas em localidades de difícil acesso e distando cerca de 40 km da sede de concelho. Por este facto, alguns alunos, para frequentarem os 2º e 3º ciclos, têm necessidade de permanecer na residência de estudantes durante a semana. A nível cultural existem algumas organizações no Concelho, principalmente na sede de Concelho, que desenvolvem diversas atividades culturais e recreativas nas quais o Agrupamento colabora e participa.

Na linha do que temos vindo a dizer preparámos as entrevistas a realizar no referido Agrupamento, às Directoras de Turma (anexo I) e aos alunos (anexo II) e efetuámo-las de seguida.

No Agrupamento em que estamos a desenvolver o estudo, apenas existem 30 alunos a frequentar o 9º ano de escolaridade, pelo que, ao entrevistarmos 11 alunos, abrangemos aproximadamente 37% dos alunos do 9º ano. Relativamente aos docentes e, tendo em

consideração que vamos entrevistar 2 dos 10 Diretores de Turma existentes no Agrupamento, o nosso estudo abrange 20% dos Diretores de Turma. Para qualquer uma das partes a entrevistar era necessário proceder a uma seleção, pois não era viável entrevistar todos os docentes. Do mesmo modo se colocava a questão de quais deveriam ser os alunos selecionados para as entrevistas. Tendo em conta os docentes, considerou-se que aqueles que reúnem mais informação acerca da turma e dos comportamentos da mesma são os Diretores de Turma, pelo que se decidiu que seriam estes os entrevistados.

Relativamente aos alunos, optou-se por alunos de turmas às quais não tivéssemos dado aulas, pelo que apenas poderiam ser as turmas do 9ºAno. Uma das turmas em causa (C) possui 16 alunos (8 rapazes e 8 raparigas) com idades entre os 12 e os 15 anos. Na turma há 6 alunos com retenções (3 no 1º ciclo, 1 no 2º ciclo e 2 no 3º ciclo). Esta turma não apresenta registos de participações disciplinares. Desta turma foram entrevistados 6 alunos com idades entre os 12 e os 13 anos e sem retenções. Relativamente aos Encarregados de Educação, a maioria tem idade compreendida entre os 40 e os 50 anos. Já relativamente à sua situação profissional, pertencem, na sua maioria, aos quadros das empresas onde trabalham. Quanto a habilitações literárias, encontramos Encarregados de Educação com o 1º Ciclo, outros com o 3º Ciclo, outros ainda possuem o Ensino Secundário e ainda há alguns com Curso Superior.

A outra turma (D) tem 14 alunos, dos quais 8 são do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos. A turma tem 6 alunos subsidiados (2 com escalão A e 4 com escalão B), 3 alunos apresentam retenções (1 aluno no 1º ciclo e 2 alunos no 3º ciclo). Relativamente a participações disciplinares, esta turma apresenta 10 envolvendo apenas 5 dos alunos entrevistados. O Conselho de Turma classifica o comportamento desta turma como sendo pouco satisfatório, baseando-se em comportamentos de irrequietude, distração e conversa com os colegas. Desta turma foram entrevistados 5 discentes todos com 14 anos de idade, sendo que um dos alunos apresenta uma retenção e integra o grupo de alunos com participações disciplinares. Trata-se de uma turma em que a maioria dos Encarregados de Educação tem idade compreendida entre os 40 e os 50 anos. Profissionalmente a maioria faz parte dos quadros das empresas onde trabalham. No que respeita a habilitações literárias alguns possuem o 1º Ciclo, outros o 2º Ciclo e outros ainda o Ensino Secundário.

Desta forma faria todo o sentido que as Diretoras de Turma entrevistadas fossem as destas turmas, de modo a podermos cruzar as opiniões de alunos e Diretoras das mesmas turmas. Foi com base nestes critérios que selecionámos os entrevistados. No presente estudo estiveram envolvidas duas Diretoras de Turma pertencentes ao Departamento de Ciências

Sociais e Humanas da referida Escola. Uma das Diretoras de Turma (A) tem 25 anos de serviço, possui uma licenciatura em História, especialização em Educação Especial – problemas visuais e motores e uma pós-graduação em Direito de menores. Para além de Diretora de Turma, desempenha as funções de Coordenadora de Departamento, Diretora da Residência de Estudantes de Góis e Membro da CPCJ. A outra Diretora de Turma (B) tem 23 anos de serviço, possui uma licenciatura em Geografia – ramo de formação educacional e para além do cargo de Diretora de Turma é a Coordenadora do Projeto Educação para a Saúde.

### **2.3 – Procedimento**

Previamente à recolha de dados solicitou-se autorização à Direção do agrupamento para realizar as entrevistas, o que foi prontamente aceite, sem objeções, apenas solicitando que fosse pedida autorização por escrito aos Encarregados de Educação dos alunos entrevistados.

Solicitou-se a colaboração das Diretoras de Turma, que prontamente aceitaram colaborar no estudo, bem como na seleção aleatória, realizada pelas respetivas Diretoras de Turma, de alguns alunos para serem entrevistados.

Efetuada as entrevistas, foi necessário transcrevê-las e realizar a respetiva análise de conteúdo (anexos III e IV). Entenda-se por análise de conteúdo, a organização e sistematização das ideias dos entrevistados. Entre diversas definições de análise de conteúdo, transcrevemos a de Robert e Bouillaguet (1997, citados por Amado, 2009, p. 237) «(...)técnica que possibilita o exame metódico, sistemático, objetivo e, em determinadas ocasiões, quantitativo, do conteúdo de certos textos, com vista a classificar e a interpretar os seus elementos constitutivos e que não são totalmente acessíveis à leitura imediata». Este processo realizou-se organizando as ideias dos entrevistados por categorias (que traduzem as ideias chave), subcategorias e indicadores em que as ideias chave se explicitam.

Feito este trabalho, estávamos em condições de apresentar e interpretar a informação recolhida junto dos entrevistados. Nestes capítulos a informação foi apresentada tendo em consideração as áreas temáticas definidas previamente, e organizada por categorias, subcategorias e indicadores. Esta apresentação encontra-se dividida em dois capítulos, a saber:

- Apresentação e interpretação dos dados da análise relativa aos professores;
- Apresentação e interpretação dos dados da análise relativa aos alunos.

Finalmente, efetuou-se uma comparação dos aspetos apresentados pelas Diretoras de Turma e pelos alunos relativas à caracterização do professor competente e do professor incompetente, a fim de identificar aspetos comuns e não comuns.

O estudo terminou com a apresentação das conclusões e sugestões de possíveis investigações a realizar.



## Capítulo 3 – Apresentação e discussão dos dados

Este capítulo é dedicado à apresentação e discussão dos dados recolhidos nas entrevistas, encontrando-se dividido em três partes distintas a saber, a análise dos dados relativa aos professores, a análise dos dados relativa aos alunos e finalmente o cruzamento das perspetivas dos alunos e dos professores sobre a indisciplina.

### 3.1 – Apresentação e interpretação dos dados da análise relativa aos professores

Neste capítulo, pretendemos fazer uma apresentação das opiniões das duas Diretoras de Turma do 9º Anos de Escolaridade do Agrupamento de Escolas de Góis. O presente capítulo apresenta a informação recolhida nas entrevistas com as Diretoras de Turma, organizada por áreas temáticas. Encontra-se dividido em cinco alíneas, correspondentes a cada uma das áreas temáticas identificadas, a saber: competência dos professores; afirmação da autoridade; atribuição de responsabilidades pelos resultados obtidos; responsabilidade parental/papel dos Encarregados de Educação e relações entre professores. Dentro de cada alínea, as ideias estão organizadas por categorias, subcategorias e indicadores. No final de cada uma é feita uma síntese da mesma fundamentada nos capítulos anteriores.

#### 3.1.1 - Competência dos professores

Relativamente à caracterização do professor competente, ambas as Diretoras de Turma salientam fatores como:

- **O explicar bem a matéria:** (...) *àquele que explica bem os conteúdos* (...) (A)
- **O estabelecimento de relações de confiança/empatia:** (...) *a relação não pode ser uma mera relação institucional, ela tem que começar pela confiança*(...) (A)  
(...) *tem de se basear sempre num entendimento entre pessoas* (...) (A) *uma relação que tem que ser sempre biunívoca* (...) (A)

Ainda acerca da caracterização do professor competente apenas uma das Diretoras de Turma salienta:

- **a exigência** (...) *àquele que é exigente*(...) (A);
- **o manter a disciplina** (...) *consegue manter disciplina em sala de aula*(...) (A);
- **o preocupar-se com os alunos** (...) *é alguém que se preocupa* (...) (A).

Outro fator importante, mas evidenciado também apenas por uma das entrevistadas é a *adequação de estratégias*, distinguindo-se aqui quatro indicadores:

- **a flexibilidade na uniformização de critérios:** (...) *da parte do professor tem de haver uma certa flexibilidade no sentido de uniformizar critérios indo de encontro, de uma maneira geral, às expectativas dos alunos* (...) (B);
- **o uso de estratégias adequadas às expectativas e ao perfil dos alunos e da turma:** (...) *o professor tem que adequar as suas estratégias de acordo com o perfil da turma, do grupo turma que tem à sua frente* (...) (B),
- **o como adequar as estratégias:** (...) *há uma certa elasticidade de acordo com o perfil da turma* (...) (B)
- **a importância de termos professores motivados:** (...) *sempre que eu faço uma avaliação concretamente uma avaliação escrita e estou a corrigir os testes e vejo que estão a responder de acordo com aquilo que eu pedia eu fico feliz eu fico contente e dá-me vontade de continuar a trabalhar, trabalhar e trabalho com gosto.* (B).

Para terminar a primeira área temática falta a caracterização do professor incompetente verificando-se que existem algumas diferenças relativamente ao professor competente. Assim foram evidenciados os seguintes indicadores:

- **laxismo/porreirismo:** (...) *o professor é porreiro, é porreiro porque não exige deixa cair as coisas num certo laxismo.* (B),
- **dificuldades em expor a matéria:** (...) *outro não explica tão bem, ou que explica mas não é de maneira a que eles entendam* (...) (B)
- **Dificuldades em manter a disciplina:** (...) *comportamo-nos assim porque o professor é laxista, porque o professor deixa fazer* (...) (B),

- **deixar-se chantagear:** (...) eles começam a, a fazer chantagem, porque deixou ir fulano e não me deixa ir a mim, e isto vai destabilizar a aula e pôr em causa o cumprimento do plano de aula que o professor leva consigo (...) (B)
- **não estabelecimento de relações de confiança/empatia** (...) àquele que não se preocupa com a forma como eles aprendem (...) (A) (...) não se preocupa com a forma como eles se sentem. (A)
- **a falta de motivação:** E, ultimamente, acho que há uma tendência no sentido de caminharmos cada vez mais para essa questão, da desmobilização dos alunos, que vão pôr em causa todo este nosso trabalho e que nos, que faz criar aqui o mau estar latente em que nos sentimos insatisfeitos, porque não sentimos o nosso trabalho valorizado e recompensado porque é nos resultados dos alunos que eu vou encontrar a recompensa do meu trabalho. (B)

Apresentamos sistematizada no quadro seguinte a informação relativa à competência dos professores, nas suas duas categorias:

Quadro 1: competência dos professores

<b>Professor competente</b>	<b>Professor incompetente</b>
É exigente	Não é exigente
Expõe bem a matéria	Não expõe bem a matéria
Mantém a disciplina	Não mantém a disciplina
Preocupa-se com os alunos	-----
Estabelece relações de confiança/empatia	Não estabelece relações de confiança/empatia
Possui motivação	Não possui motivação.

Estas características sugeridas pelas Diretoras de Turma entrevistadas, vão ao encontro do que já tínhamos referido acima, a propósito das qualidades/atitudes de um professor competente em sala de aula (cf. Cap.1.4), (...) Para além das regras a serem implementadas, (...) é necessário que o professor conheça bem a matéria, e a saiba ensinar de forma eficaz aos seus alunos, (...), tem de ser um professor que saiba respeitar os seus alunos e que se faça respeitar, não pela imposição e autoritarismo, mas pelas suas ações demonstrando afecto e compreensão (...). Esta citação comprova que, a opinião das entrevistadas está de acordo com as características de um professor competente que apresentámos anteriormente, baseando-nos em estudos já realizados.

Segundo as docentes entrevistadas, poderão existir, no atual grupo de docentes do Agrupamento de Escolas de Góis, docentes que reúnem as características de professor competente, no entanto também poderão existir alguns que, pelas características atrás mencionadas, claramente se integram no grupo dos professores incompetentes. É conveniente compreender o porquê de certos professores não conseguirem ser professores competentes. O que é que leva um professor a não ser exigente com os seus alunos? O que é que faz com que um professor não exponha bem a matéria? Porque é que há professores que não conseguem ser respeitados pelos seus alunos, não conseguindo implementar medidas de disciplina em sala de aula? Será que este tipo de professores se apercebe de que está a ser incompetente nas funções que lhe foram atribuídas? Será que não consegue melhorar?

Em nossa opinião, todas as mudanças no ensino poderão levar a que a motivação de alguns docentes vá desaparecendo, no entanto, é urgente pensarmos que o grupo/turma que está à nossa frente não tem culpa nem é o responsável por tal instabilidade na carreira docente. É urgente mudar formas de atuar de alguns docentes, mas para que tal aconteça é necessário que esses professores reconheçam as suas lacunas e aceitem conselhos e exemplos de outros colegas considerados competentes.

### 3.1.2 – Afirmação da autoridade

Outra área temática abordada relaciona-se com a afirmação da autoridade, sendo feita referência ao estabelecimento de regras. Aqui as duas Diretoras de Turma entrevistadas complementaram-se nos aspetos que indicaram como fundamentais.

- **o estabelecimento e a definição de regras comuns de atuação:** (...) *o conjunto das regras no início de cada ano letivo, são iguais para todos até porque há um regulamento. (B);*
- **a atitude firme (intransigência, necessidade de consistência na aplicação das regras e o cumprimento do regulamento interno):** (...) *ele pede-me para ir à casa de banho e eu não posso. E não posso porquê, porque depois pedem dois, pedem três, pedem quatro, pedem cinco e depois eu já não consigo controlar quem foi e quem não*

*foi (...) (B)(...)Não podemos fugir dele, essas regras são comuns a todos, são a base(...) (B);*

- **a atitude tolerante (na adequação do uso da autoridade, quer na aplicação das regras):** *(...) a flexibilidade de numa turma não pode ser a mesma noutra (...) (B)Uma vez ocasional tudo bem (...) (B)*

Outro aspeto evidenciado como fundamental na afirmação da autoridade docente, mas apenas demonstrado por uma das entrevistadas, prende-se com a aproximação professor/aluno. Esta considera que os alunos dão mais importância às relações de empatia que estabelecem com os docentes, do que ao conhecimento científico que os professores apresentam. Ainda esta Diretora de Turma salientou os seguintes aspetos:

- **o saber/conhecimento científico** *(...) e é interessante verificar que os alunos, não consideram o conhecimento científico o aspeto mais importante, (...) (A)*
- **as características pessoais:** *(...) há professores que não são ah boas pessoas, isto é, não é a questão de ser bom ou mau professor, tem a ver com algo mais profundo, tem a ver com o tu seres boa ou má pessoa. Se tu fores boa pessoa, à partida vais transmitir esses valores na tua prática quotidiana, na tua prática letiva. (A) (...)*

No que respeita às estratégias de disciplinação, ambas as Diretoras de Turma salientam a sua importância:

- **a atitude dos professores nas primeiras aulas:** *Há uma coisa que nós aprendíamos, uma expressão que é Don't smile until Christmas. E eu acho que é importante. (A)(...) procuro primeiro nas primeiras semanas ver se posso dar uma margem mais ou menos de flexibilidade.(B),*
- **o estabelecimento de regras nas primeiras aulas:** *Ah as primeiras aulas são determinantes, porque é nesse momento que se estabelecem as regras e as regras devem ser conhecidas por todos (...) (A)*
- **o estabelecimento de regras com turmas de continuidade:** *Quando são turmas que já temos experiência de anos anteriores, esse trabalho já está muito mais facilitado não é. E aí eu e qualquer professor, acho eu, já tem uma linha de atuação, de orientação, de como agir às situações que ele já prevê, ou antevê que possam acontecer. (B)*

- o “aconselhamento” aos alunos: (...) como eu conhecia a turma, (...), eu já sabia como é que havia de entrar mais ou menos. Este facto, permite aos docentes dialogar com os alunos de uma forma mais afetiva, mais sensibilizadora, como que aconselhando-os e não impondo-lhe o que quer que seja. Tal como refere a entrevistada: (...) entrar em diálogo com os alunos, em bom tom, em tom de sensibilização (...) como conhecia a maneira de ser deles dizia àqueles mais impulsivos, dizia,(...), tenham calma pensem antes de agir,(...)(B).

No quadro seguinte apresenta-se resumidamente as categorias e os respetivos indicadores identificados para a área temática da afirmação da autoridade:

Quadro 2: afirmação da autoridade

<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>
Estabelecimento de regras	Estabelecimento e definição de regras comuns de atuação
	Atitude rígida
	Atitude tolerante
Fatores de aproximação professor/aluno	Importância do conhecimento científico
	Características pessoais
Estratégias de disciplinação	Atitude do professor nas primeiras aulas
	Estabelecimento de regras nas primeiras aulas
	Estabelecimento de regras com turmas de continuidade
	“Aconselhamento” aos alunos

No respeitante à afirmação da autoridade, podemos identificar, com base na análise dos dados recolhidos junto das entrevistadas, 3 categorias: estabelecimento de regras, fatores de aproximação professor/aluno e estratégias de disciplinação. Ambas consideram importante o estabelecimento de regras e as estratégias de disciplinação. Já fizemos referência anteriormente à importância do modo como as regras são definidas (cf. Cap.1.3.1) a investigação sobre o modo como as regras são transmitidas aos alunos, se todos os docentes utilizam as mesmas normas, se os alunos compreendem a importância e a necessidade de serem estabelecidas, entre outros aspetos são fatores da maior importância para o bom funcionamento de uma aula. (...). Para além do modo como as regras são definidas e apresentadas aos discentes, também a quantidade de regras definidas é um aspeto fundamental a ter em consideração. Sabemos, pela nossa experiência, que é importante adequar a

quantidade de regras à faixa etária dos alunos, tendo em consideração a importância das mesmas de acordo com as características da turma, mas tendo sempre presente que estas têm de ser poucas, claras e precisas. Este facto também foi por nós referido (cf. Capítulo 1.4) (...) seria mais vantajoso os professores adotarem uma estratégia de comum atuação, privilegiando as regras mais importantes (...). Ainda neste capítulo fizemos referência à quantidade de regras definidas: (...) Apesar de ser necessária a existência de regras, (...) devem ser poucas, simples, positivas, claras essenciais, conhecidas por ambos os intervenientes. (...) Para cada regra é importante estabelecer as consequências em caso de prevaricação. Encontramos aqui vários aspetos a ter em conta no início de cada ano letivo aquando da definição de regras. É importante termos presente que os alunos não podem estar constantemente a mudar as suas atitudes em sala de aula, adaptando-se e cumprindo a regras definidas por cada professor. Será mais proveitoso as regras serem definidas em conjunto, tendo em consideração as necessidades específicas de cada turma. As mesmas têm de ser aplicadas por todos os docentes, bem como a definição e aplicação das sanções. Os alunos têm de sentir que todos os professores atuam da mesma forma. No Agrupamento em causa, e tendo em consideração a experiência própria, as regras são definidas individualmente por cada professor, o que faz com que os alunos tenham, constantemente, que modificar as suas atitudes. Seria interessante realizar um estudo e analisar as regras definidas por cada professor para cada turma. Será que iríamos encontrar as mesmas regras para a mesma disciplina? As mesmas regras para turmas diferentes? Mas trata-se de um tema que poderá ser abordado num outro estudo. Temos também conhecimento de vários Diretores de Turma que, a determinada altura do ano, consideram importante a elaboração de um contrato comportamental para a turma. Basicamente trata-se de definir regras e punições em conjunto com os alunos. Aqui impera colocar uma questão: porque não foi esse trabalho feito logo nas primeiras aulas?

Consideramos que ao nível das regras e das estratégias de disciplinação, no Agrupamento de Escolas de Góis, existe um caminho a percorrer, que deve começar pelos Diretores de Turma, seguido pelos restantes docentes, e só posteriormente aplicado aos discentes e com o fundamental apoio dos Encarregados de Educação. Trata-se de um trabalho de parceria e colaboração e cooperação entre diversos intervenientes no processo ensino aprendizagem que poderá trazer benefícios ao nível da melhoria dos comportamentos em sala de aula. Mas também isto seria um tema a desenvolver num outro estudo.

### 3.1.3 – Atribuição de responsabilidades pelos resultados obtidos

Outro aspecto importante a ter em conta é compreender a quem são atribuídas responsabilidades pelos resultados escolares obtidos pelos discentes. Relativamente a esta questão, construíram-se, com base na interpretação dos dados, duas categorias nas quais inserimos as respostas: professores e sistema de ensino. Relativamente aos professores, a culpabilização pode ser:

- **culpabilização dos professores pelos alunos:** (...) *Aí é que acontece normalmente as queixas do tipo ai mas o meu professor não me ensinou isso. Por exemplo eles dizem assim o professor não me ensinou, quando eu vou ter com o professor e ele diz mas eu ensinei-lhes.* (B);
- **reconhecimento de responsabilidades pelos professores:** (...) *Somos humanos e eu questiono-me. Com certeza não expliquei bem esta matéria, não fui bem objetiva naquilo que queria que o aluno respondesse. Eu questiono-me sempre face aos maus resultados. Mas também depois tenho que ver o outro lado, ah, em que medida é que os alunos estão predispostos a responder às minhas expectativas, e depois aí também encontro falhas.* (B)

Os resultados obtidos pelos discentes também são consequência do sistema de ensino em vigor, sistema esse a que as entrevistadas atribuem as seguintes responsabilidades:

- **incidência da desadequação:** (...) *o problema está num contexto muito mais abrangente, macro, o problema não é micro a nível micro, é problema a nível macro, o que é que eu quero dizer com isto, é que poderá ser em resultado (...) do alargamento da escolaridade obrigatória, poderá ser um reflexo porque não há aqui uma triagem como antigamente havia(...) é aqui que eu acho que o nosso sistema de ensino está a falhar, porque não dá resposta a, aos diferentes níveis de apetência para o estudo.* (B);
- **diversidade de métodos de ensino e de aprendizagem:** *Porque temos alunos que gostam dum trabalho mais teórico, gostam dum trabalho reflexivo, mas há outros que gostam mais dum trabalho prático, um trabalho manual, e o nosso ensino não está ah, adequado a, a abranger esta diferenciação que nós sabemos que existe. Sempre existiu e que eu defendo muito, defendo muito quer dizer, nós somos todos iguais mas todos diferentes.* (B);

- **ausência/limitação de respostas:** *E a nossa escola está uniformizada toda para o mesmo. É verdade que falam em cursos profissionais só que esses cursos profissionais não conseguem chegar a todo o lado. Em termos de espaço geográfico, e nós aqui na escola logo de cedo debatemos que aquele aluno não tem o perfil adequado para o sistema de ensino normalizado. Só que não temos resposta para lhes dar e eles têm que cumprir uma escolaridade obrigatória. (B)*

Conclui-se, portanto, que os resultados obtidos dependem de dois fatores gerais: os professores e o sistema de ensino.

Quadro 3: atribuição de responsabilidades pelos resultados obtidos

<b>Professores</b>	<b>Sistema de ensino</b>
Culpabilização dos professores por parte dos alunos	Desadequado
O assumir das responsabilidades por parte dos professores, por não terem explicado bem a matéria	Grande diversidade de métodos de ensino e de aprendizagem
-----	Ausência/limitações de respostas

No Agrupamento de Escolas de Góis alguns discentes apresentam, desde muito cedo, aptidões e gosto por cursos profissionais, no entanto a realidade sócio económica das famílias, que não lhes permite enviar os filhos para outra escola e o facto de não terem idade para integrarem esse tipo de cursos, impede-os de satisfazerem essas aptidões e gosto, obrigando-os a andar na escola regular desmotivados, desinteressados e sem objetivos a atingir. O que também condiciona o seu sucesso escolar. Já anteriormente, fizemos referência a este facto, quando citámos Amado (2010) (cf. Cap. 1.3) a propósito do seu estudo sobre o ambiente relacional da escola, onde este autor enumera fatores causadores de indisciplina, referindo: (...) os panoramas mais negros se associam a um clima negativo traduzido, entre outros aspectos (...) nos currículos desfasados dos interesses dos alunos. (p. 5)

Quanto à culpabilização pelos resultados, e com base nas entrevistas realizadas, são os alunos que mais culpabilizam os professores, no entanto apenas uma das docentes entrevistadas também salienta essa culpabilização. Consideramos fundamental que cada docente faça uma reflexão e escute a opinião dos alunos acerca das suas aulas, pedindo-lhes que indiquem aspetos positivos e negativos, bem como sugestões de mudança. Como é óbvio

iríamos encontrar opiniões completamente desfasadas da realidade e impossíveis de concretizar, mas certamente também iríamos encontrar pontos de partida para melhorarmos as nossas aulas e, conseqüentemente, os resultados que os nossos alunos iriam obter. Mas também esta abordagem poderia servir de tema para outro estudo a desenvolver.

### 3.1.4 – Responsabilidade parental/papel dos Encarregados de Educação

Nesta área temática pretendia-se compreender o relacionamento existente entre Diretor de Turma e Encarregados de Educação, principalmente quando o diálogo implica situações de indisciplina. Em relação ao entendimento que os Encarregados de Educação têm do trabalho dos professores, ambas as Diretoras de Turma são de opinião que os pais:

- **imputam ao professor a responsabilidade da indisciplina:** *Repara, eu procuro sempre ah, eu já tive das duas coisas, já tive pais que procuram imputar aos professores a responsabilidade desse comportamento, (A)(...) também conheço pais que dizem sempre que a culpa é dos professores, ou porque o professor é, e desculpa-me a expressão mas o professor é mau, ou porque o professor não sabe dar-se ao respeito, ou porque o filho deles não faria uma coisa destas, e questionam mesmo a nossa, a nossa autoridade (...)(A)*

Ainda a respeito desta área temática, também ambas as Diretoras de Turma evidenciaram outro fator importante:

- **pais que aceitam o que lhes é dito sobre os filhos:** *(...) e tenho agora neste momento nesta direção de turma que, como te digo que já é minha há muito tempo, e tem uns pais que aceitam muito bem aquilo que lhes é dito. (A) O trabalho tem de ser muito de parceria com os pais e os pais reagem bem (...)(A)*

Ainda no relacionamento escola/família é essencial aferir de que forma são efetuados os contactos entre o Diretor de Turma e o Encarregado de Educação. Aqui é conveniente acentuar a opinião de uma das entrevistadas que salienta:

- **a importância dos contactos telefónicos:** *Aliás uma coisa que eu faço desde sempre, eu forneço o meu telemóvel (...) aos pais ah de modo a que eles possam contactar*

*comigo todos os dias e utilizo muito a comunicação telefónica como meio privilegiado. (A)*

Tal como refere a mesma entrevistada, acerca dos temas/conteúdos da comunicação com os Encarregados de Educação:

- **é urgente informar de imediato o encarregado de educação do comportamento incorreto:** *(...) quando essa atitude é realmente gravosa eu procuro logo o contacto com os encarregados de educação (...) contacto os pais e os pais vêm e chamo os alunos à presença dos pais e à minha presença para os confrontar. (B).*
- **dar a conhecer os documentos orientadores da escola: regulamento interno e projeto curricular de agrupamento:** *(...) tem havido da parte do agrupamento uma maior preocupação em dar-lhes a conhecer este documento. (A)*

Para terminar esta área temática é necessário refletir sobre a relação existente entre os Encarregados de Educação e a Escola. Esta relação é caracterizada por uma das entrevistadas de três formas distintas:

- **os pais sentem-se com mais direito de questionar a escola:** *(...) temos aqui um grupo de pais, que à medida que têm aumentado a sua escolarização sentem-se com mais direito de questionar os professores. E eu acho que o questionar é saudável desde que, seja questionado de uma forma de salutar (...) (A);*
- **os pais têm pouco conhecimento dos filhos em contexto de grupo:** *Eu acho é que as pessoas questionam, mas não procuram perceber que os filhos quando estão junto a nós, não são exatamente iguais a quando estão com outras pessoas, e quando estão num grupo de pares. Num grupo de pares sentem a necessidade de se evidenciar, e portanto não acho que esteja a diminuir, pelo contrário, (...) (A)*
- **a existência de uma crise de valores:** *(...) eu acho que nestes últimos tempos nós estamos a observar e acho que, se calhar, e posso estar a ser um bocadinho pessimista, mas tem a ver um bocadinho com a desagregação dos valores ah, o valor do respeito, o valor da educação ah, estão claramente em crise e nota-se isso também em relação aos pais (...) (A).*

Sistematizando as informações recolhidas, conclui-se que a relação escola família está a sofrer uma degradação, fruto da reduzida responsabilidade parental assumida por alguns Encarregados de Educação.

O quadro seguinte apresenta sucintamente as subcategorias e os respetivos indicadores identificados nas entrevistas, relativos à categoria: relação dos Professores com os Encarregados de Educação.

Quadro 4: responsabilidade parental/papel dos encarregados de educação

<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
Entendimento que os encarregados de educação têm do trabalho dos professores.	Os pais imputam ao professor a responsabilidade da indisciplina.
Conhecimento que os pais têm acerca dos filhos.	Os pais aceitam o que lhes é dito sobre os filhos.
Contactos escola/família	Comunicação dos encarregados de educação com a diretora de turma (telefonicamente)
Temas/conteúdos da comunicação dos professores com os encarregados de educação	Informar imediatamente o encarregado de educação do comportamento incorreto
	Dar a conhecer aos pais o regulamento interno e o projeto curricular de agrupamento
Caraterização da relação dos encarregados de educação com a escola	Pais sentem-se com mais direito de questionar a escola
	Pouco conhecimento dos filhos em contexto de grupo
	Crise de valores

Tendo em conta as opiniões das duas Diretoras de Turma entrevistadas, estas consideram que, no Agrupamento de Escolas, cada vez mais se assiste a uma crise de valores, onde alguns Encarregados de Educação imputam todas as responsabilidades pelos comportamentos dos seus educandos ao professor e à escola, sentindo-se com direito de questionar toda e qualquer atitude tomada quer por um professor a título individual, quer mesmo pela Escola, incluindo as diretrizes constantes do Projeto Curricular de Agrupamento ou o Regulamento Interno. Esta ideia já foi referida anteriormente (cf. Cap. 1.5): Sente-se que os Encarregados de Educação cada vez protegem mais os seus educandos, colocando em causa o que o Diretor de Turma lhes comunica e comprova por escrito. As Diretoras de Turma entrevistadas reforçaram esta ideia escutada em ambiente de sala de professores. Trata-se de Encarregados de Educação que não reconhecem que os comportamentos dos filhos são diferentes em contexto de escola e com os pares. Seria interessante, também a este nível aferir num estudo posterior, e junto dos vários Diretores de Turma, da percentagem de

Encarregados de Educação que assumem esta postura. O Diretor de Turma tem o papel, em alguns casos quase diário, de contactar com os Encarregados de Educação, a fim de os informar de atitudes/comportamentos de indisciplina tidos pelos seus educandos, sendo este um dos assuntos abordado nos contatos realizados entre Diretor de Turma e Encarregados de Educação.

No Agrupamento em questão, ainda existem Encarregados de Educação que compreendem que o comportamento dos seus educandos, em contexto de escola e no seu relacionamento com os pares, é diferente do que habitualmente apresentam em contexto familiar, pelo que se aceita as informações transmitidas pelo Diretor de Turma. Pensamos que este facto se deve ao conhecimento que as famílias têm dos seus educandos, facto que lhes permite compreender e aceitar uma realidade, por vezes, diferente da esperada.

### **3.1.5 – Relações entre professores**

No que respeita à natureza da relação existente entre professores, ambas as entrevistadas são de opinião que existe:

- **cooperação e entreajuda:** *Olha até há bons anos a esta parte, sempre achei que entre professores havia um bom clima de trabalho, interajuda, e ainda existe. (B).*
- **individualismo e rivalidade:** *Ah, a crispação que eu tenho encontrado nos últimos anos, acho que é resultado do contexto social em que nos encontramos que, portanto, as pessoas andam mais cansadas, mais stressadas, ah, esse desgaste muitas vezes extravasa no sentido de, ah, no sentido menos proveitoso digamos assim, para um bom ambiente de trabalho. (B).*

Com base nos testemunhos das entrevistadas, poderemos dizer que apesar de existir um bom ambiente de trabalho entre os docentes, também se começa a notar alguns comportamentos pouco propícios a um bom ambiente de trabalho. A entrevistada chega mesmo a apontar o contexto social atual como causa deste ambiente de trabalho menos cooperativo.

Apresenta-se, no quadro, a sistematização relativa a este item.

Quadro 5: Relações entre professores

<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>
Natureza da relação existente entre professores	Cooperação e entreatajuda
	Individualismo e rivalidade

Facilmente se compreende que a opinião destas duas docentes está um pouco dividida, o que poderá querer traduzir a realidade do Agrupamento de Escolas de Góis. Isto é, neste Agrupamento o relacionamento entre docentes poderá ser um misto de entreatajuda e de individualismo/rivalidade. Talvez como consequência das mudanças que a carreira docente tem sofrido ultimamente, comece a existir algum individualismo, que poderá estar na base da existência de comportamentos de indisciplina.

Estas conclusões baseadas nas entrevistas realizadas às Diretoras de Turma, reforçam o que referimos no capítulo 1.3 acerca do ambiente relacional da escola quando citámos Amado (2010) (...) os panoramas mais negros se associam a um clima negativo traduzido, entre outros aspetos, num ambiente de concorrência, falta de entendimento, comunicação e colaboração entre professores (...). (p.5)

### **3.2 – Apresentação e interpretação dos dados da análise relativa aos alunos**

Neste capítulo, apresenta-se a informação recolhida nas entrevistas realizadas a um grupo de alunos de cada turma do 9º Ano organizada, tal como no capítulo anterior, por áreas temáticas. O mesmo encontra-se dividido em duas alíneas que correspondem às duas áreas temáticas identificadas: características do professor competente e características do professor incompetente. Dentro de cada alínea as ideias estão organizadas por categorias, subcategorias e indicadores. No final de cada alínea, é apresentada uma síntese bem como uma discussão dos dados apresentados.

### 3.2.1 – Características do professor competente

No que respeita às características que os discentes identificam, num professor que consideram competente, estas enquadram-se em cinco categorias, construídas com base nas opiniões obtidas, a saber: postura nas primeiras aulas; afirmação da autoridade; relação com os alunos; estilo de comunicação na aula e desempenho no ensino.

Neste sentido, os dois grupos de entrevistados salientam as seguintes características:

- **ser compreensivo com os alunos:** (...) *compreende, que impõe respeito (C)*
- **conviver em situações de atividades extra curriculares:** (...) *Podem ser mais rígidos e, ... mas nas atividades ser mais brincalhões (C)*
- **ser paciente com as dúvidas apresentadas pelos alunos:** (...) *que explica quando é preciso, que ajuda (C), (...) Deixa ir ao apoio, porque quer que os alunos tenham boas notas. (D)*
- **preparar bem as aulas:** (...) *explicam bem porque já treinaram em casa. (D)*

Ainda acerca das características do professor competente, apresentam-se aquelas que foram referidas apenas por um dos grupos de entrevistados:

- **imagem que quer dar de si:** (...) *os que têm roupas mais conservadoras, entre aspas, são mais conservadores, São mais rígidos. (D)*
- **características psicológicas que quer deixar transparecer:** (...) *parece mais severo do que se é, para ficarmos com aquela ideia, se calhar, é melhor portarmos bem (C)*
- **ser assertivo:** (...) *Que impõe respeito desde o início (C)*
- **ser exigente nas regras:** (...) *põe respeito na sala (C)*
- **ser rigoroso no cumprimento das regras:** (...) *Às vezes falar com os colegas, se for uma vez não mete logo no livro de ponto, (D)*
- **apoiar os alunos nas suas dúvidas:** (...) *Ajuda-nos no que precisamos (C)*
- **ser imparcial:** (...) *não tem que ter preferências. Está cá para ensinar e mais nada. (D)*
- **explicar bem a matéria:** (...) *Explica bem! (D)*

No quadro seguinte apresenta-se, resumidamente, as categorias e os respectivos indicadores identificados para a área temática: características do professor competente.

Quadro 6: Características do professor competente

<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>
Postura nas primeiras aulas	Imagem que quer dar de si
	Características psicológicas que quer deixar transparecer
Afirmção da autoridade	Ser assertivo
	Ser exigente nas regras
	Ser rigoroso no cumprimento das regras
Relação com os alunos	Ser compreensivo com os alunos
	Apoiar os alunos nas suas dúvidas
	Conviver em atividades extra curriculares
	Ser imparcial
Estilo de comunicação na aula	Explica bem
	Ser paciente com as dúvidas apresentadas pelos alunos
Desempenho no ensino	Preparar as aulas

As opiniões dos alunos entrevistados estão de acordo com o que já dissemos no capítulo 1.4 acerca das qualidades do professor competente (cf. Cap.1.4) (...) os alunos gostam de professores que atuem com autoridade e poder dentro da aula, professores que sejam exigentes. Ainda no mesmo capítulo fizemos referência aos professores assertivos, cuja definição em muito é idêntica às características sugeridas pelos alunos entrevistados (cf. Cap.1.4) (...) trata-se de professores que respeitam os alunos, e se fazem respeitar, são professores capazes de elogiar um aluno por uma atitude correta, mas também chamam à atenção quando transgride as regras. (...) são aqueles professores com quem os alunos vão ter quando precisam de falar de algum assunto pessoal, pedir uma opinião ou até ajuda para realizar um trabalho de outra disciplina. Os nossos entrevistados foram referindo vários destes aspetos ao longo da conversa, como sendo característicos do bom professor/professor competente.

Foi também neste capítulo que referimos aspetos relevantes do primeiro dia de aulas, também eles relatados pelos alunos entrevistados. É neste dia que os alunos vão reparar em aspetos como (cf. Cap. 1.4) (...) a imagem que o professor passa de si (...) a forma como está vestido (...) tudo isto são fatores que podem influenciar positiva ou negativamente a imagem do professor. Trata-se de elementos que podem indiciar aos alunos estar na presença de um professor autoritário, permissivo ou assertivo, facto que leva os alunos a reagir de maneira diferente consoante o tipo de professor que está diante deles.

### **3.2.2 – Características do professor incompetente**

Relativamente às características apresentadas pelos alunos e que, segundo estes, caracterizam o professor incompetente, estas foram organizadas tendo por base seis categorias, a saber: postura nas primeiras aulas; afirmação da autoridade; relação com os alunos; estilo de comunicação na aula; desempenho no ensino e relacionamento com colegas professores.

Ambos os grupos de alunos entrevistados, salientaram as seguintes características de um mau professor:

- **Não apoia os alunos nas suas dúvidas:** (...) *E não nos ajuda quando nós temos dúvidas. (D)*
- **Não conviver com os alunos:** (...) *Um mau professor é aquele que começa logo a mandar vir connosco. A gritar. (D)*
- **Ter alunos preferidos:** (...) *E a trabalhar, há professores preferem alguns alunos do que outros. (D)*
- **Não explicar bem a matéria:** (...) *Não explica, diz que não estivemos atentos. (D)*

Ainda relativo a este tema, apresentam-se as características de um mau professor salientadas apenas por um dos grupos de entrevistados:

- **Imagem que quer dar de si:** (...) *a maneira de vestir ainda se torna um bocado engraçada nalguns stores! (C)*

- **Características psicológicas que quer deixar transparecer:** (...) *Começa logo o ano a brincar (...) depois já não consegue ... (C)*
- **Ser permissivo:** (...) *Com os professores que não são muito rígidos, nós fazemos tudo o que queremos. (D)*
- **Não conseguir impor respeito:** (...) *Não impõe respeito (C)*
- **Autoritário no cumprimento das regras:** (...) *Só porque nós nos viramos, nós também precisamos de falar, faz-nos logo participação (D)*
- **Não tolera nada:** (...) *Manda-nos para rua! (D)*
- **Ser violento/agressivo:** (...) *a mandar pontapés às coisas. (C)*
- **Não ter paciência para esclarecer as dúvidas:** (...) *Ah ..., se nós não percebermos alguma coisa e se esse professor achar fácil, (...) começar a dizer que somos burros, que não temos inteligência suficiente. (C)*
- **Não preparar as aulas:** (...) *Há professores que vão buscar os PowerPoint à internet e nem sequer os leem antes de dar a aula. Depois chegam lá, põem o PowerPoint e têm a aula feita. (D)*
- **Ser antipático:** (...) *há professores que são antipáticos para toda a gente, há outros que são só para os alunos, outros só para certas turmas. (C)*

O quadro 7 resume as características apresentadas pelos alunos das duas turmas entrevistadas, encontrando-se as mesmas organizadas por categorias e respetivos indicadores.

Quadro 7: Características do professor incompetente

<b>Categorias</b>	<b>Indicadores</b>
Postura nas primeiras aulas	Imagem que quer dar de si
	Características psicológicas que quer deixar transparecer
Afirmação da autoridade	Ser permissivo
	Não conseguir impor respeito
	Ser autoritário
Relação com os alunos	Ser intolerante
	Não apoia os alunos nas suas dúvidas
	Não convive com os alunos
	Tem alunos preferidos
	É agressivo/violento

Estilo de comunicação na aula	Não explicar bem a matéria
	Não ter paciência para esclarecer as dúvidas
Desempenho no ensino	Não preparar as aulas
Relacionamento com colegas professores	Ser antipático

A perspectiva dos alunos relativo às características do professor incompetente, está de acordo com o que referimos anteriormente (cf. Cap. 1.4)) Quando se trata de autoritarismo puro, o professor passa a imagem de uma pessoa com abuso de autoridade, rígido, agressivo, sendo conotado pelos alunos de um modo negativo. Os alunos entrevistados também salientam estes aspetos para caracterizar o professor incompetente. Estas características estão de acordo com o que expusemos no capítulo 1.3, sobre os fatores de indisciplina, onde salientámos, por exemplo (cf. Cap.1.3) (...) a má preparação das aulas por parte dos docentes, fator que os alunos detetam e aproveitam para destabilizar a turma, impedindo o que seria o normal funcionamento da aula. Importa salientar que os entrevistados referiram situações deste género.

### **3.3 – Professores e alunos – um cruzamento de perspetivas sobre a indisciplina**

No enquadramento teórico, dedicámos um capítulo às características do professor competente que, em nossa opinião, poderá estar relacionado com a problemática da indisciplina, mais concretamente a existência de indisciplina em sala de aula.

Neste capítulo vamos debruçar-nos apenas sobre a caracterização dos professores competentes e incompetentes referida anteriormente, e resultante da análise das entrevistas realizadas às Diretoras de Turma e aos alunos. Pretendemos agora relacionar os indicadores apresentados para caracterizar o professor competente e incompetente, verificando se as mesmas são comuns a professoras e alunos, se resultam apenas da opinião das professoras ou somente dos alunos. Desta forma o capítulo encontra-se dividido em duas alíneas, uma primeira relativa à caracterização do professor competente, e a segunda relativa ao professor incompetente.

Pretendemos, segundo a opinião dos entrevistados, compreender se o facto de o professor ser considerado competente, condiciona a existência de comportamentos de indisciplina.

### **3.3.1 - Caracterização do professor competente**

Nesta alínea pretendemos fazer um cruzamento da informação obtida nas entrevistas aos alunos e às Diretoras de Turma, salientando as características apontadas por ambos, só pelas Diretoras de Turma e só pelos alunos.

Neste sentido, no que respeita às características do professor competente, as Diretoras de Turma consideram que este deve ser:

- exigente;
- expor bem a matéria;
- manter a disciplina;
- preocupar-se com os alunos;
- estabelecer relações de confiança;
- possuir motivação.

Os alunos referem as seguintes características para descreverem os professores competentes:

- ser imparcial;
- preparar as aulas;
- explicar bem;
- ser assertivo;
- ser exigente nas regras;
- ser rigoroso no cumprimento das regras;
- apoiar os alunos nas suas dúvidas;
- ser paciente com as dúvidas apresentadas pelos alunos;
- ser compreensivo com os alunos;
- imagem que quer dar de si;
- característica psicológica que quer deixar transparecer;

- conviver com os alunos em atividades extracurriculares.

Como se compreende entre as características apresentadas pelas Diretoras de Turma e pelos alunos, várias são aquelas que são idênticas. Deste modo apresenta-se, no quadro seguinte, a correspondência, que considerámos adequada, entre as características apresentadas pelos dois grupos de entrevistados.

Quadro 8: Caracterização do professor competente segundo professoras e alunos entrevistados

<b>Características apresentadas pelas professoras</b>	<b>Características apresentadas pelos alunos</b>
Ser exigente	Ser imparcial
	Preparar as aulas
Expor bem a matéria	Explicar bem
Manter a disciplina	Ser assertivo
	Ser exigente nas regras
	Ser rigoroso no cumprimento das regras
Preocupar-se com os alunos	Apoiar os alunos nas suas dúvidas
	Ser paciente com as dúvidas apresentadas pelos alunos
Estabelecer relações de confiança	Ser compreensivo com os alunos

Conclui-se, pelos resultados apresentados, que tanto as Diretoras de Turma como os alunos apresentam características idênticas para qualificar os professores competentes.

Ainda em relação a este tema, apenas as Diretoras de Turma salientam a importância do fator motivação, para caracterizar este tipo de professores. Já os alunos salientam aspetos como: a imagem que quer dar de si, (cf. Cap.1.3) (...) a postura (vestuário, maneira de falar ou de se deslocar, tiques,...) as características psicológicas que quer deixar transparecer e o convívio com os alunos em atividades extracurriculares, como características importantes nestes professores.

Tendo em consideração as características referidas pelos entrevistados, pode concluir-se que a maioria das características apresentadas para qualificarem um professor competente é referida tanto pelas Diretoras de Turma como os alunos.

### 3.3.2 - Caracterização do professor incompetente

Tal como na alínea anterior, vamos agora apresentar a caracterização de um professor incompetente resultante das características apresentadas pelos entrevistados, salientando aspetos comuns e não comuns.

Desta forma, no que respeita às características do professor incompetente, as Diretoras de Turma consideram que este:

- não é exigente;
- não expõe bem a matéria
- não mantém a disciplina
- não estabelece relações de confiança/ empatia
- não possui motivação.

Segundo os alunos, o professor incompetente é aquele que:

- é permissivo
- não conseguir impor respeito
- é autoritário
- é intolerante
- não apoia os alunos nas suas dúvidas
- não convive com os alunos
- tem alunos preferidos
- é agressivo/violento
- não explicar bem a matéria
- não ter paciência para esclarecer as dúvidas
- não preparar as aulas
- é antipático
- imagem que quer dar de si
- características psicológicas que quer deixar transparecer

Tal como na alínea anterior, vamos estabelecer uma correspondência entre as características apresentadas pelos entrevistados, relativas ao professor incompetente.

Quadro 9: Caracterização do professor incompetente segundo professoras e alunos entrevistados

<b>Características apresentadas pelas professoras</b>	<b>Características apresentadas pelos alunos</b>
Não é exigente	Não apoia os alunos nas suas dúvidas
	Não preparar as aulas
Não expõe bem a matéria	Não explicar bem a matéria
Não mantém a disciplina	Ser intolerante
	Ser permissivo
	Não conseguir impor respeito
	Ser autoritário
Não estabelece relações de confiança/ empatia	Não convive com os alunos
	Tem alunos preferidos
	É agressivo/violento
Não possui motivação.	Não ter paciência para esclarecer as dúvidas

Tendo em consideração os resultados, na caracterização do professor incompetente, as Diretoras de Turma e os alunos, apresentaram, basicamente, as mesmas características.

Convém referir que os alunos referem aspetos como a antipatia, a imagem que quer dar de si e as características psicológicas que quer deixar transparecer, como fatores importantes para caracterizar estes professores.

Poderemos relacionar estes aspetos com a indisciplina, pois facilmente compreendemos que os alunos poderão aproveitar estas lacunas para se comportarem de forma inadequada, de forma a pôr em causa o professor. Esta ideia também já foi referida na alínea 1.2 quando falámos sobre o terceiro nível de indisciplina:

(...) aqueles professores que não possuem um bom relacionamento com a turma ou com algum aluno em especial, aqueles que não conseguem fazer-se respeitar e respeitar os seus próprios alunos, encontram-se numa situação de maior probabilidade de estas ocorrências lhes poderem acontecer.

Já no capítulo 1.3 quando citámos Amado (2010) compreendemos que a indisciplina está relacionada com o tipo de professor:

(...) as condições da indisciplina e da violência se verificariam desde que os alunos deparassem com um professor permissivo ou autoritário, pouco credível, rotineiro nas estratégias de ensino, desorganizado nas tarefas, confuso na comunicação, com preferências nas interações didáticas e de controle.

Apesar de dito por outras palavras, os nossos entrevistados salientaram os mesmos aspetos.

## Conclusão

O presente trabalho descreve o estudo que realizámos sobre a indisciplina em sala de aula. Na primeira parte – enquadramento teórico fizemos uma abordagem a temáticas relacionadas com o tema em estudo, com base numa revisão da literatura e em estudos realizados por diversos autores. Na segunda parte – estudo empírico, foi nosso objetivo conhecer a opinião de alguns alunos e respetivas Diretoras de Turma do Agrupamento de Escolas de Góis sobre o tema indisciplina em sala de aula. Neste sentido efetuámos um estudo de caso, entrevistando alguns alunos das turmas de 9º ano de escolaridade e respetivas Diretoras de Turma do referido Agrupamento.

Com base na apresentação da informação recolhida nas entrevistas realizadas às Diretoras de Turma e a alunos do 9º Ano de Escolaridade do Agrupamento de Escolas de Góis, pudemos concluir que as ideias transmitidas pelos entrevistados poderão retratar a realidade da Escola em estudo. Realidade essa, que está de acordo com a pesquisa realizada acerca dos temas apresentados na parte relativa ao enquadramento teórico. De acordo com os objetivos definidos inicialmente, concluímos que segundo os nossos entrevistados, um professor competente é aquele que: explica bem a matéria, estabelece relações de confiança/empatia, é exigente, mantém a disciplina, preocupa-se com os alunos, é flexível na uniformização de critérios, usa estratégias adequadas às expectativas e ao perfil dos alunos e da turma, tem motivação, é compreensivo e paciente com os alunos, convive, prepara bem as aulas, é assertivo e imparcial. Um professor incompetente apresenta as seguintes características: laxismo/porreirismo, dificuldades em expor a matéria, dificuldades em manter a disciplina, deixa-se chantagear, não estabelece de relações de confiança/empatia, não apoia os alunos nas suas dúvidas, não convive com os alunos, tem alunos preferidos, não explica bem a matéria, é permissivo, não consegue impor respeito, é autoritário, é violento e agressivo, não tem paciência para esclarecer dúvidas, não prepara as aulas e é antipático.

Relativamente à opinião acerca da indisciplina em sala de aula, os nossos entrevistados apontam diversos fatores que poderão estar relacionados com a existência, ou não, de indisciplina, a saber: o estabelecimento e a definição de regras comuns de atuação, a necessidade de uma atitude firme e tolerante, o saber/conhecimento científico, as características pessoais, as atitudes dos professores nas primeiras aulas, o estabelecimento de regras nas primeiras aulas e com turmas de continuidade, o reconhecimento de responsabilidades quer dos docentes, quer dos alunos pelos resultados obtidos, a diversidade

de métodos de ensino e de aprendizagem, a ausência/limitação de respostas adequadas às expectativas dos discentes.

Quanto à relação Encarregados de Educação / Diretora de Turma os nossos entrevistados salientam aspetos como a importância de informar os pais dos comportamentos tidos pelos seus educandos, o facto de existirem Encarregados de Educação que não aceitam o que lhes é dito sobre os filhos, o facto de alguns Encarregados de Educação imputarem ao professor a responsabilidade da indisciplina, o facto de estarmos perante uma crise de valores.

A realidade apresentada sugere, aliás tal como os estudos referidos nos capítulos iniciais, que a indisciplina é consequência de um vasto conjunto de fatores, que podem partir dos alunos mas também das atitudes e comportamentos apresentados pelos docentes.

Um aspeto que convém realçar, após a análise das entrevistas, é que tanto as Diretoras de Turma como os alunos fizeram maior referência a atitudes e comportamentos que estão relacionados com o terceiro nível de indisciplina – problemas da relação professor-aluno. Estará este nível de indisciplina relacionado com o facto de os entrevistados pertencerem ao terceiro ciclo? Este seria outro tema interessante para aprofundar num outro estudo realizando as entrevistas a elementos do segundo ciclo.

Com efeito, o nosso estudo apresenta algumas limitações, uma delas relacionada com o facto de não podermos generalizar as conclusões obtidas a outros grupos, níveis de ensino ou contextos, dada a natureza da metodologia utilizada. No entanto, face ao objetivo formulado de conhecer as perspetivas de alunos e professores acerca da temática, tendo em conta o seu contexto específico, consideramos que os resultados obtidos constituem um contributo para a compreensão do problema da indisciplina, tendo permitido, simultaneamente, lançar novas questões e desafios para a investigação futura. Uma outra limitação está relacionada com a possibilidade de ter existido algum constrangimento, por parte dos alunos, nas respostas às questões colocadas sobre a indisciplina e as características dos professores, apesar de todos os cuidados colocados por nós ao apresentarmos os objetivos do estudo e ao garantirmos a confidencialidade e o anonimato.

Muitos aspetos ficaram ainda por esclarecer e que consideramos úteis para melhor compreensão do problema da indisciplina em sala de aula. Relativamente ao primeiro nível de indisciplina não nos foi possível apurar, por exemplo:

- quais os comportamentos que professores identificam como perturbadores da aula;
- quais os comportamentos perturbadores que alunos assumem existir nas aulas;
- quais as disciplinas com maior percentagem de indisciplina;

- em que ano de escolaridade a percentagem de registos de indisciplina é maior;
- qual o horário em que se verifica maior percentagem de indisciplina;
- porque é que os alunos se comportam de maneira diferente consoante os professores;

Estes são alguns dos aspetos que poderiam dar origem a novos estudos sobre a temática da indisciplina. Trata-se de uma problemática infundável, que varia de escola para escola, que depende dos docentes e dos alunos em estudo.

Relativamente aos objetivos iniciais, consideramos que estes foram atingidos. No entanto, consideramos que ficou muito por dizer e por concluir a respeito desta problemática, que poderá ser desenvolvido em estudos posteriores neste ou noutra Agrupamento.



## Referências bibliográficas

- Aires, L. M. (2010). *Disciplina na sala de aulas – um guia de boas práticas para professores do 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Lisboa: Edições Sílabo
- Amado, J. S. (2001). *Interação Pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: Asa Editores
- Amado, J. S. (2003). A indisciplina na aula: um desafio à formação dos professores. In *A formação de professores à luz da investigação*. Actas do XII Colóquio da AIPEF/2002 (2º vol., pp. 1025-1037). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Amado, J. S. (2009). *Relatório da Unidade Curricular: Introdução à Investigação Qualitativa em Educação (Investigação Educacional II)*. Universidade de Coimbra.
- Amado, J. S. (2010). *Da indisciplina escolar ao cyberbullying*. Disponível em Portal de Ensino à Distância – Universidade de Coimbra, <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/360/1/M16.pdf>.
- Amado, J. S. & Freire, I. P. (2005). A gestão da sala de aula. In G.L. Miranda & S. Bahía (org.), *Psicologia da Educação – Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino* (pp. 311-331). Lisboa: Relógio d'Água.
- Amado, J. S., & Freire, I. P. (2009). *A(S) Indisciplina(S) na Escola Compreender para prevenir*. Coimbra: Edições Almedina
- Carita, A., & Fernandes, G. (2002). *Indisciplina na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença
- Curto, P. M. (1998). *A escola e a indisciplina*. Porto: Porto Editora
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação – o papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença
- Estrela, M. T. (2002). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora
- Lopes, J., & Rutherford, R. (2001). *Problemas de comportamento na sala de aula - identificação, avaliação e modificação*. Porto: Porto Editora

### **Sites consultados**

- <http://piquiri.blogspot.com/2007/02/primeiro-dia-de-aula.html>
- <http://www.portoeditora.pt/especial/index/documento/DOL>

### **Outros documentos**

- Projecto Curricular do Agrupamento de Escolas de Góis – 2009/2013
- Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas de Góis - 2009/2013
- Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas de Góis – 2009/2013
- Projeto Curricular de Turma 9ºA - 2011/2012
- Projeto Curricular de Turma 9ºB – 2011/2012

## **11 – ANEXOS**



(ANEXO I)

**Guião de Entrevista aos professores**

**Entrevistador:** Carla Girão

**Entrevistado:** Diretores de Turma de 9ºAno do Agrupamento de Escolas de Góis

**Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_      **Local:** Agrupamento de Escolas de Góis

**Objetivos:** Esta entrevista pretende obter a opinião de Diretores de Turma acerca da disciplina/indisciplina em sala de aula.

- Compreender quais os comportamentos/attitudes que os alunos têm em sala de aula e que são considerados de indisciplina;
- Compreender quando é que ocorrem esses comportamentos;
- Compreender se o professor ou a disciplina está relacionada com esses comportamentos;
- Compreender como é que as Diretoras de Turma reagem às “queixas” apresentadas pelos colegas;
- Compreender como é que as Diretoras de Turma se sentem ao ter de chamar o Encarregado de Educação para lhe comunicar os acontecimentos indisciplinados dos seus educandos.

Blocos	Objetivo do bloco	Questões orientadoras	Perguntas de recurso e de aferição
<p>BLOCO – 1</p> <p>Legitimação da entrevista</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agradecer a disponibilidade;</li> <li>- Informar que a entrevista está a ser gravada;</li> <li>- Explicar o objetivo da entrevista;</li> <li>- Garantir confidencialidade da informação;</li> <li>- Explicar o que se pretende;</li> </ul>	
<p>BLOCO – 2</p> <p>Características do professor «competente»</p>	<p>- Distinguir o professor «competente» do «incompetente»</p>	<p>- Segundo os alunos existem bons e maus professores, ou «competentes» e «incompetentes»</p> <p>Na tua opinião Como se distinguem nos processos de ensino/aprendizagem? Como se distinguem no modo como criam e mantêm ambientes disciplinados?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Na tua opinião quais as características que um bom e um mau professor apresentam?</li> <li>- Com que tipo de professor achas que os alunos se sentem mais à vontade e porquê?</li> </ul>
<p>BLOCO – 3</p> <p>As regras na aula, impostas pelos bons e pelos maus professores</p>	<p>- Perceber se, na perspetiva dos professores, as regras impostas por um professor «competente» e por professor «incompetente» em sala de aula são iguais</p>	<p>- Tendo em conta a tua experiência, haverá diferenças nas regras impostas por um bom e por um mau professor?</p>	<p>- Podes dar exemplos de regras impostas por um bom e por um mau professor?</p>

	ou diferentes.		
<p><b>BLOCO – 4</b></p> <p>O primeiro dia de aulas, de um bom e de um mau professor</p>	<p>- Compreender a importância atribuída pelos professores, às interações do professor com a generalidade da turma no primeiro dia de aulas</p>	<p>- Dada a tua experiência haverá diferenças no modo como um bom ou um mau professor se apresenta e dirige as primeiras aulas? Quais são essas diferenças</p>	<p>- Na tua opinião o que é que um bom professor deve fazer/dizer na primeira aula com os alunos?</p>
<p><b>BLOCO -5</b></p> <p>As aprendizagens realizadas nas aulas de um bom e de um mau professor</p>	<p>- Compreender se na perspetiva dos professores há diferença nos modos de atuação dos professores «competentes» e incompetentes» no modo de atuar face às dificuldades dos alunos.</p>	<p>- Pela tua experiência como atuam os bons e os maus professores face às dificuldades de aprendizagem dos alunos?</p>	<p>Revelam cuidado especial relativamente a alguns alunos? Põem de parte os alunos indisciplinados?</p>
<p><b>BLOCO – 6</b></p> <p>A integração dos professores na escola</p>	<p>Compreender se na perspetiva dos professores há diferença nos modos como os professores «competentes» e »incompetentes» participam na vida da escola</p>	<p>- Na tua opinião há diferenças no modo como bons e maus professores se relacionam com os outros professores?</p>	<p>- Como descreves a participação de um bom e de um mau professor nas atividades extracurriculares? - A nível da preparação de aulas e de projetos em grupo há distinção entre bons e maus professores?</p>
	<p>- Definir o papel do DT nesta problemática</p>	<p>- Enquanto DT qual a tua função</p>	<p>- Que atitudes tomas de forma a tentar</p>

<p>BLOCO – 7</p> <p>DT/Indisciplina</p>		<p>relativamente à indisciplina em sala de aula?</p> <p>- Da mesma turma os comportamentos dos alunos são iguais com todos os professores ou há diferenças? Como explicas essas diferenças de comportamento dos vossos alunos?</p>	<p>colmatar o problema?</p>
<p>BLOCO - 8</p> <p>Indisciplina/EE</p>	<p>- Identificar reações dos EE relativamente aos problemas de indisciplina</p>	<p>- Enquanto D.T. tens de transmitir as informações aos Encarregados de Educação. Como reagem eles às notícias de indisciplina em sala de aula?</p>	<p>- Notas que os E.E. têm noção da forma como os seus educandos agem em sala de aula?</p>
<p>BLOCO - 9</p> <p>DT/Projeto Educativo e Projeto Curricular de Agrupamento</p>	<p>- Obter informação relativa ao que os documentos orientadores da gestão da escola referem acerca da indisciplina.</p>	<p>Na tua opinião o que o Projeto Educativo e o Projeto Curricular de Agrupamento dizem relativamente à indisciplina é suficiente?</p>	<p>- Estará a ser bem transmitido aos alunos, EE e professores a informação contida no PE e no PCA?</p> <p>- Acorre-te alguma coisa que devesse constar nestes documentos e que consideres importante?</p>
<p>BLOCO – 10</p> <p>Regulamento Interno</p>	<p>- Obter informação relativa ao que os documentos orientadores da gestão da escola referem acerca da indisciplina.</p>	<p>- De que forma o regulamento interno da escola aborda/deveria abordar a indisciplina em sala de aula?</p>	<p>- A informação acerca da indisciplina na sala de aula contida no regulamento interno é clara e suficiente?</p>

<p><b>BLOCO - 11</b> Indisciplina/ gestão da escola</p>	<p>- Obter sugestões de que se possam implementar na escola de forma a diminuir a indisciplina em sala de aula.</p>	<p>- Qual a vossa opinião face às medidas aplicadas pela direção da escola relativamente aos comportamentos de indisciplina em sala de aula?</p>	<p>- O que deveria fazer o Diretor da Escola, para diminuir a indisciplina em sala de aula?</p>
<p><b>BLOCO – 12</b>  Síntese e meta reflexão sobre a entrevista</p>	<p>- Fazer uma síntese da entrevista citando algumas das ideias dos entrevistados. - Compreender a opinião dos professores face à importância da investigação.</p>	<p>- O que é que pensas da investigação que estou a desenvolver? - O que é que esperas que se consiga com este trabalho?</p>	<p>- Qual a tua opinião em relação a esta investigação acerca da problemática da indisciplina em sala de aula?</p>
<p><b>BLOCO – 13</b> Agradecimentos</p>	<p>- Agradecer a disponibilidade do entrevistado em colaborar;</p>		



**(ANEXO II)**

**Guião de Entrevista aos alunos**

**Entrevistador:** Carla Girão

**Entrevistado:** alguns alunos (8 de cada turma) de 9ºAno do Agrupamento de Escolas de Góis

**Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Local:** Agrupamento de Escolas de Góis

**Objetivos:** Esta entrevista pretende obter a opinião de alguns alunos acerca da disciplina/indisciplina em sala de aula e compreender quais os comportamentos/ atitudes que tomam em situação de sala de aula. Pretende-se perceber se esses comportamentos ocorrem em todas as aulas ou só em algumas e se esses comportamentos estão relacionados com o professor ou a disciplina.

Blocos	Objetivo do bloco	Questões orientadoras	Perguntas de recurso e de aferição
<p><b>BLOCO – 1</b></p> <p>Legitimação da entrevista</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agradecer a disponibilidade;</li> <li>- Informar que a entrevista está a ser gravada;</li> <li>- Explicar o objetivo da entrevista;</li> <li>- Garantir confidencialidade da informação;</li> <li>- Explicar o que se pretende.</li> </ul>	
<p><b>BLOCO – 2</b></p> <p>Características do professor competente na perspetiva dos alunos.</p>	<p>Obter características que distingam um «bom» (competente) e de um mau professor, na perspetiva dos alunos</p>	<p>- Deem exemplos de atitudes e de comportamentos dos professores que consideram bons e que consideram maus professores</p>	<p>- O que é ser um bom e um mau professor para vocês?</p>
<p><b>BLOCO – 3</b></p> <p>As regras impostas pelos professores competentes</p>	<p>Identificar quais são as regras da aula que, na perspetiva dos alunos fazem a diferença entre um bom e um mau professor</p>	<p>- Tendo em conta a vossa experiencia, há alguma diferença no tipo de regras consoante temos um «bom» ou um «mau» professor ?</p>	<p>- Deem exemplos de regras que um bom professor estabelece. E exemplos de regras de um mau professor? Como é que um bom professor faz cumprir as regras? E um mau professor?</p>

<p><b>BLOCO – 4</b></p> <p>O primeiro dia de aulas, e os estilos de interacção dos professores</p>	<p>Perceber que importância é atribuída ao estilo de interacção dos professores com a turma nos primeiros encontros do ano escolar</p>	<p>- Tendo em conta a vossa experiência, haverá diferenças no modo como um bom e um mau professor se apresenta, fala e dirige as primeiras aulas?</p>	<p>- O que acham que é importante um bom professor fazer/dizer aos alunos nas primeiras aulas?</p> <p>- Como é que um professor que vocês considerem ser bom professor se apresenta na primeira aula? E um mau professor?</p>
<p><b>BLOCO – 5</b></p> <p>Apoio/suporte docente às dificuldades de aprendizagem dos alunos</p>	<p>-Perceber se, na perspectiva dos alunos, existe alguma relação entre o tipo de apoio prestado pelos professores às suas dificuldades de aprendizagem e o comportamento disciplinado ou indisciplinado dos alunos</p>	<p>- O que fazem os «bons» e os «maus» professores quando os alunos mostram dificuldades de aprendizagem?</p>	<p>- De que forma um professor que vocês considerem bom professor atua perante as dificuldades da turma em geral ou de um aluno em particular</p>
<p><b>BLOCO – 6</b></p> <p>A integração dos professores na escola</p>	<p>- Compreender a forma como os alunos veem a participação dos bons e dos maus professores na vida da escola.</p>	<p>- Consideram que haverá diferenças no modo como os bons e os maus professores se relacionam com os outros colegas professores?</p>	<p>- Como é a sua participação em atividades extracurriculares?</p> <p>- Preparam aulas e projetos em grupo?</p>

<p><b>BLOCO – 7</b></p> <p>Síntese e meta reflexão sobre a entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fazer uma síntese da entrevista citando algumas das ideias dos entrevistados.</li> <li>- Compreender a opinião dos alunos face à importância da investigação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que é que pensam da investigação que estou a desenvolver?</li> <li>- O que esperam que se consiga com este trabalho?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual a vossa opinião em relação a esta investigação e a diminuição da indisciplina em sala de aula?</li> </ul>
<p><b>BLOCO – 8</b></p> <p>Agradecimentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agradecer a disponibilidade do entrevistado em colaborar.</li> </ul>		

(ANEXO III) – Análise de Conteúdo das entrevistas das Diretoras de Turma

Área temática: a competência dos professores

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>	<b>Unidade de Registo</b>
Caracterização do professor competente	É exigente	Exigência	(...) àquele que é exigente(...) (A)
	Expõe bem a matéria	Explicar bem a matéria	(...) àquele que explica bem os conteúdos(...) (A) (...) pode saber muito e se integra, integra facilmente com os alunos, e consegue transmitir essa informação. (A) (...) um professor tem mais paciência para explicar uma, ou duas, ou três vezes (...) (B)
	Mantém a disciplina	Manter a disciplina	(...) consegue manter disciplina em sala de aula(...) (A)
	Preocupa-se com os alunos	Preocupar-se com os alunos	(...) é alguém que se preocupa (...) (A)
	Estabelece relações de confiança/empatia	Estabelece relação de confiança/empatia  O que é ou como dever ser uma relação de confiança	(...) a relação não pode ser uma mera relação institucional, ela tem que começar pela confiança_ (...) (A) (...) tem de se basear sempre num entendimento entre pessoas (...) (A) uma relação que tem que ser sempre biunívoca (...) (A) (...) só assim é que tu consegues ter um bom relacionamento, isto é, se os alunos souberem o que é que é esperado deles (...) (A) (...) um contributo para mim, um alento para mim, porque há ali um dar e receber (...) (B) (...) numa questão de empatia que criam mais com uns professores do que

			<p>com outros (...)</p> <p>(...) tenho turmas em que mantenho um relacionamento, ah, posso dizer que amistoso (...) (B)</p> <p>(...) São, são porque oh ora bem, eu tenho o caso dum aluno, que já o tenho há quatro anos e ele já esteve contra mim, já esteve a favor de mim em tempos diferentes. Podemos dizer que isto tem a ver com a própria evolução da adolescência ah, dos jovens, eu, eu muitas vezes interpreto isso assim. Ah, depois também interpreto pela tal questão, quer dizer, eu digo aos meus alunos, e procuro dizer isto: tenham atenção vocês não são obrigados a gostar de toda a gente, porque eu também não gosto de toda a gente, mas têm obrigação de respeitar toda a gente para ser respeitado. E é isso que eu lhes transmito. Eu não quero que vocês me digam que gostam de todos os professores, porque isso não é possível, eu quero é que vocês me digam que dão oportunidades aos professores para que eles vão ao encontro das vossas expectativas. Vocês têm que dar a margem de confiança, e quando as coisas não funcionam bem é porque vocês não lhes deram essa margem de confiança. (B)</p>
	<p>Adequa estratégias</p>	<p>Flexibilidade na uniformização de critérios</p> <p>Estratégia adequada às expectativas e ao perfil</p>	<p>(...) da parte do professor tem de haver uma certa flexibilidade no sentido de uniformizar critérios indo de encontro, de uma maneira geral, às expectativas dos alunos (...) (B)</p> <p>(...) o professor tem que adequar as suas estratégias de acordo com o</p>

		<p>dos alunos e da turma</p> <p>Como adequar as estratégias...</p>	<p>perfil da turma, do grupo turma que tem à sua frente (...) (B)</p> <p>(...) temos de (...) perspetivar que vamos para aquela turma e saber que temos que ser quase que uns atores ou atrizes. (B)</p> <p>(...) estou a funcionar de acordo com (...)As expectativas da turma e o grupo humano que tenho ali à minha frente. (B)</p> <p>(...) sinto-me uma atriz quase em cada turma de acordo com as características inerentes a cada uma delas. (B)</p> <p>(...) aplicamos outras estratégias (...) (B)</p> <p>(...) há uma certa elasticidade de acordo com o perfil da turma (...) (B)</p> <p>(...) temos o princípio ético de ser o os mais justos possíveis, ah, em termos de critérios de trabalho a utilizar de acordo com as dificuldades específicas de cada aluno e cada caso é um caso (...) (B)</p>
	Possui motivação	Professores motivados	<p>Sempre que eu faço uma avaliação concretamente uma avaliação escrita e estou a corrigir os testes e vejo que estão a responder de acordo com aquilo que eu pedia eu fico feliz eu fico contente e dá-me vontade de continuar a trabalhar, trabalhar e trabalho com gosto. (B)</p>
	Não é exigente	Laxismo/porreirismo do professor	<p>(...) o professor é porreiro, é porreiro porque não exige deixa cair as coisas num certo laxismo. (B)</p>

Caracterização do professor incompetente	Não expõe bem a matéria	Dificuldades em expor a matéria	(...) outro não explica tão bem, ou que explica mas não é de maneira a que eles entendam (...) (B)  Portanto não, agora quer dizer, não descoro a hipótese que um professor, uma vez ou duas ou três até, mesmo eu, não tenha sido bem sucedida em termos de esclarecimento de uma dúvida (...) (B)
	Não mantém a disciplina	Tem dificuldades em manter a disciplina  Laxismo  Deixa-se chantagear	(...) comportamo-nos assim porque o professor é laxista, porque o professor deixa fazer (...) (B)  (...) eles começam a, a fazer chantagem, porque deixou ir fulano e não me deixa ir a mim, e isto vai destabilizar a aula e pôr em causa o cumprimento do plano de aula que o professor leva consigo (...) (B)  (...) quando é por sistema não pode ser, depois aí é quando surgem os problemas (...) (B)
	Não estabelece relações de confiança/empatia	Não estabelece relação de confiança/empatia	(...) àquele que não se preocupa com a forma como eles aprendem (...) (A)  (...) não se preocupa com a forma como eles se sentem. (A)  (...) um professor pode saber muito e no entanto ser um professor inacessível (...) (A)  (...) se o professor é mau e é austero, eles ai porque o professor é assim porque podia ser mais aberto, porque nós nem colocamos dúvidas porque ele responde-nos mal (...) (B)  (...) um professor reage mal quando eu faço determinada pergunta, outro professor não reage tão mal, ah, isso também depende muito do que está para trás. (B)

	Não possui motivação	Professores desmotivados	<p>(...) eles sentem-se acanhados de pedir outra vez explicação. Às vezes há esse acanhamento em estar a incidir na mesma questão. (B)</p> <p>(...) o que eu às vezes noto é que os alunos pela simpatia que podem ter por um ou por outro professor, muitas vezes, descargam entre aspas a sua raiva ou outra palavra, mais o seu azedume, porque gostam mais dum do que doutro e depois sentem-se como que eles sentem-se perseguidos. Quando não há perseguição nenhuma mas é isso que eles incutem na cabeça deles e, e, e depois deturpam (...) (B)</p> <p>E, ultimamente, acho que há uma tendência no sentido de caminharmos cada vez mais para essa questão, da desmobilização dos alunos, que vão pôr em causa todo este nosso trabalho e que nos, que faz criar aqui o mau estar latente em que nos sentimos insatisfeitos, porque não sentimos o nosso trabalho valorizado e recompensado porque é nos resultados dos alunos que eu vou encontrar a recompensa do meu trabalho. (B) Quando a turma não está a responder às minhas expectativas, é lógico que eu começo a ficar, ah, menos, mais predisposta, mais desolada, ah, mais a questionar-me a situação e isto cria o tal desalento o tal mal estar. Não sei se fui bem ao encontro do, do objetivo que estava inerente à pergunta. (B)</p>
--	----------------------	--------------------------	--

Área temática: A afirmação da autoridade

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>	<b>Unidade de Registo</b>
Estabelecimento de regras	Estabelecimento e Definição de regras comuns de atuação	O regulamento	(...) o conjunto das regras no início de cada ano letivo, são iguais para todos até porque há um regulamento. (B)
	Atitude rígida	Intransigência  Necessidade de consistência na aplicação das regras  Cumprimento do regulamento interno	(...) ele pede-me para ir à casa de banho e eu não posso. E não posso porquê, porque depois pedem dois, pedem três, pedem quatro, pedem cinco e depois eu já não consigo controlar quem foi e quem não foi (...) (B)  (...)Não podemos fugir dele, essas regras são comuns a todos, são a base(...) (B)
	Tolerante	Adequação do uso da autoridade às turmas  Uso de tolerância na aplicação das regras	(...) a flexibilidade de numa turma não pode ser a mesma noutra (...) (B)  (...) um aluno pede-me para ir para a casa de banho e ele vai (...) (B)  (...) É um episódio que nós somos toleráveis. (B)  Uma vez ocasional tudo bem (...) (B)
Fatores de aproximação professor/aluno	O saber/ conhecimento	Importância do conhecimento científico	E é interessante verificar que os alunos, não consideram o conhecimento científico o aspeto mais importante, (... ) (A)
	Características pessoais	È preciso ser-se «boa pessoa»	(...) faz com que eu conheça grande parte dos professores, e tenho um bom feedback ah, em relação aos mesmos. (A)  (...) há professores que não são ah boas pessoas, isto é, não é a questão de ser bom ou mau professor, tem a ver com algo mais profundo, tem a ver com o tu seres boa ou má pessoa. Se tu fores boa pessoa, à partida vais

			transmitir esses valores na tua prática quotidiana, na tua prática letiva. (A) (...) Eles centram muito, na, nos, nas atitudes, ah, nos comportamentos que o professor tem em sala de aula. (A)
Estratégias de disciplinação	A atitude do prof nas primeiras aulas	<i>Don't smile until cristmas</i>	Há uma coisa que nós aprendíamos, uma expressão que é <i>Don't smile until Christmas</i> . E eu acho que é importante. ( A) (...) procuro primeiro nas primeiras semanas ver se posso dar uma margem mais ou menos de flexibilidade.(B)
	- Estabelecimento de regras nas primeiras aulas	A importância dos primeiros encontros	Ah as primeiras aulas são determinantes, porque é nesse momento que se estabelecem as regras e as regras devem ser conhecidas por todos(...) (A) (...) porque o professor esclareceu devidamente isso, não ocorrem tantas situações de conflito, porque eles sabem o que é que é esperado deles. (A) Eu acho que muitas das coisas que correm menos bem, é precisamente por não serem bem definidas as regras iniciais, logo nas primeiras aulas. ( A) Quer dizer eu perspetivar uma coisa, e sair outra, e eu tenho que recuar um passo ou dois atrás. (B) (...) nestas situações quando não conhecemos o grupo turma que temos à nossa frente, corremos sempre riscos. (B)
	Estabelecimento de regras com turmas de continuidade	A importância da continuidade na relação prof-aluno	Quando são turmas que já temos experiência de anos anteriores, esse trabalho já está muito mais facilitado não é. E aí eu e qualquer professor, acho eu, já tem uma linha de atuação, de orientação, de como agir às situações que ele já prevê, ou antevê que possam acontecer. (B)

	Aconselhamento aos alunos	A importância de aconselhar os alunos	(...) como eu conhecia a turma, embora não fosse diretora de turma, eu já sabia como é que havia de entrar mais ou menos. Já sabia não, perspetivava que se calhar utilizando uma determinada estratégia ia ter algum sucesso e então a estratégia que eu comecei por fazer foi entrar em diálogo com os alunos, em bom tom, em tom de sensibilização, que estavam em final de ciclo e que seria muito bom que eles iniciassem logo o ano letivo com bons, ah bons resultados, com boa vontade para trabalhar, isso iria muito facilitar a vida deles em termos de trabalho escolar ao longo do ano, ah, como conhecia a maneira de ser deles dizia áqueles mais impulsivos, dizia, várias vezes lhes tenho dito, tenham calma pensem antes de agir, porque eles são, ah, ah, nesse aspeto, ah, falam mais com o coração do que com a razão, (B)
--	---------------------------	---------------------------------------	--

Área temática: Atribuição de responsabilidades pelos resultados obtidos

Categoria	Subcategoria	Indicador	Unidade de Registo
Culpabilização dos professores pelos alunos	O Porquê dos maus resultados	As alunos culpam os professores	O que realmente aconteceu, porque é isso mais que eu sinto, e, e não podemos, aí o diretor de turma tem que ouvir o aluno e então eu, nesta experiência, ouço o aluno ouço a versão sempre do professor e até às vezes confronto a circunstância no contexto da turma para ver a reação do resto, para ver se realmente as coisas são coincidentes ou se aquele aluno

			<p>está só a crer ali criar atrito, porque entende que é perseguido, ou porque aquele professor não gosta dele, ou porque até no fundo é ele até que nem gosta dele.</p>
--	--	--	--

Aí é que acontece normalmente as queixas do tipo ai mas o meu professor não me ensinou isso. Por exemplo eles dizem assim o professor não me ensinou, quando eu vou ter com o professor e ele diz mas eu ensinei-lhes. Por exemplo, eu hoje, meninos vamos hoje aplicar a regra de proporcionalidade, vamos fazer escalas e vamos, ah, aplicar o principio que vocês aprenderam, ah, aprenderam na matemática da regra de proporcionalidade,

E eu começo a explicar e há um que diz, ah, mas o professor não ensinou.

(B)

<p>Reconhecimento de responsabilidades pelos professores</p>	<p>O Porquê dos maus resultados</p>	<p>Assumir que não explicou bem a matéria</p>	<p>(...) Somos humanos e eu questiono-me. Com certeza não expliquei bem esta matéria, não fui bem objetiva naquilo que queria que o aluno respondesse. Eu questiono-me sempre face aos maus resultados. Mas também depois tenho que ver o outro lado, ah, em que medida é que os alunos estão predispostos a responder às minhas expectativas, e depois aí também encontro falhas. (B)</p>
--	-------------------------------------	---	--



			<p>Só que não temos resposta para lhes dar e eles têm que cumprir uma escolaridade obrigatória. (B)</p> <p>Porque nele as perspectivas dele é melhor por exemplo quando um aluno diz olhe eu fui para uma aula de jardinagem e adorei. Mas se calhar outro aluno que tem uma visão diferente que é mais reflexivo, não gostaria, se calhar, nada, de ir para o jardim mexer na terra ou mexer noutras coisas.</p> <p>Portanto o nosso ensino devia estar estruturado de acordo com o perfil.</p> <p>De cada aluno em termos de competências a desenvolver na sua vida futura ou profissional.</p> <p>Assim, eu acredito, tal como eu sinto essa dificuldade ah, de não poder ir ao encontro das expectativas de todos quando estou a responder a um ensino,</p> <p>Normalizado, por mais que eu faça uns currículos alternativos mas é sempre dentro dum contexto de sala de aula que é igual para todos, que não podemos fugir muito ah, eu acho que o órgão de gestão também sinta algumas limitações a esse nível, por que é a população escolar que ele tem em frente, mas também as respostas que ele tem para dar são aquelas que lhe são emanadas de estâncias superiores, e também não pode fugir muito a isso. E depois se vai dentro da comunidade, à tentativa, vai procurar alguma tentativa de solução, de encaminhamento, de percurso escolar/profissional para um aluno, ele esbarra, porque também não</p>
--	--	--	--

			encontra esse caminho. Não é fácil encontrar esse caminho que dê resposta às verdadeiras necessidades dos alunos. E portanto a vida não está facilitada nem para os professores nem para um órgão de gestão. (B)
--	--	--	--

Área temática: responsabilidade parental/papel dos Encarregados de Educação

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>	<b>Unidade de Registo</b>
Relação dos professores com os Encarregados de Educação	Entendimento que os encarregados de educação têm do trabalho dos professores	Pais imputam ao professor a responsabilidade da indisciplina	Repara, eu procuro sempre ah, eu já tive das duas coisas, já tive pais que procuram imputar aos professores a responsabilidade desse comportamento, (A) (...) também conheço pais que dizem sempre que a culpa é dos professores, ou porque o professor é, e desculpa-me a expressão mas o professor é mau, ou porque o professor não sabe dar-se ao respeito, ou porque o filho deles não faria uma coisa destas, e questionam mesmo a nossa, a nossa autoridade (...) (A)

		<p>Tenho o caso de um encarregado de educação mais problemático, ah, porque é uma pessoa mais, pela própria natureza de ser da pessoa é contestatária ah, sente que a escola persegue o filho, ainda não se apercebeu muito bem, em, que nós não andamos aqui a perseguir ninguém e que os bons alunos são aqueles que não nos dão trabalho, e portanto não andamos aqui a arranjar trabalho para nos queimarmos.</p> <p>Não temos gosto nenhum em andar a denegrir a imagem de um aluno só pelo gosto de denegrir, porque isso só nos trás complicações e dá-nos trabalho e acho que esta mãe ainda não entendeu isso. Acha que nós estamos a fazer isto porque nos dá,</p> <p>Porque nos apetece, dá prazer e, e eu ainda tenho, vou ter, estamos no primeiro período mas agora vem aí o segundo período e como vou ter reuniões para informar das avaliações deste período ah, em que eu espero, realmente, que a mãe se consciencialize que o filho tem fraquezas, tem faltas, tem incumprimentos em termos de atitudes, que ela tem que enxergar que são a realidade, e que aquela imagem que ela tem do filho dela, porque é um menino que até anda numa prática desportiva que incute regras e tem que cumprir regras e que ela acha que essa atividade desportiva é muito boa para a formação pessoal e social do aluno, que eu não contesto mas, que depois visto na prática aqui na escola, as coisas não funcionam nessa, dentro dessa linha tão, tão,</p>
--	--	---

			<p>Tão direitinha como a mãe pensa que funciona, e é isso que eu, é uma batalha entre aspas que eu,</p> <p>Que eu vou ter que ultrapassar com essa mãe. (B)</p>
	<p>Conhecimento que os pais têm acerca dos filhos</p>	<p>Pais aceitam o que lhes é dito sobre os filhos</p>	<p>(...) e tenho agora neste momento nesta direção de turma que, como te digo que já é minha há muito tempo, e tem uns pais que aceitam muito bem aquilo que lhes é dito. (A)</p> <p>O trabalho tem de ser muito de parceria com os pais e os pais reagem bem (...) (A)</p> <p>Os encarregados enfrentam com grande surpresa, que não estão, não estavam naquele momento, eu sinto que era aquilo que eles menos previam, era que o seu educando agisse daquela maneira e ficam, ah, como é que é o meu filho está a agir assim mas não é isto que eu vejo no meu filho.</p> <p>Passam a acreditar. (...)</p> <p>E muitas vezes, só a maneira como o aluno entra na sala de receção, dos diretores de turma e como se dirige ao professor, em frente à mãe (...), elas ficam surpresas e muitas dizem: então mas é assim que tu entras numa sala de aula, então mas é com esse ar que tu falas com o teu professor, e eles gaguejam ficam gaguejantes.</p> <p>(...)</p> <p>Custam a acreditar na “gengalência”, é o engolir em seco. (B)</p>

	Contactos Escola Família	Comunicação dos Encarregados de Educação com a Diretora de Turma	<p>Aliás uma coisa que eu faço desde sempre, eu forneço o meu telemóvel (...) aos pais ah de modo a que eles possam contactar comigo todos os dias e utilizo muito a comunicação telefónica como meio privilegiado. (A)</p> <p>(...) Muitas vezes o aluno comportou-se mal hoje, enquanto eu envio a carta e não envio passaram três ou quatro dias, e há uma dissonância temporal que pode não ser benéfica. (...) (A)</p> <p>E então ele portou-se mal hoje eu ligo à noite, ou ligo logo para o pai a dizer olhe teve esta atitude temos de conversar (...) (A)</p>
	Temas/ conteúdos da Comunicação dos professores com os Encarregados de Educação	Informar imediatamente o EE do comportamento incorreto	<p>(...) quando essa atitude é realmente gravosa eu procuro logo o contacto com os encarregados de educação(...) contacto os pais e os pais vêm e chamo os alunos à presença dos pais e à minha presença para os confrontar. (B)</p>

		<p>Dar a conhecer aos pais o Regulamento Interno, Projeto Curricular de Agrupamento</p>	<p>(...) tem havido da parte do agrupamento uma maior preocupação em dar-lhes a conhecer este documento. (A)</p> <p>(...) o trabalho de diretor de turma é, nesta reunião inicial, fazer lembrar-lhes as regras que estão lá estabelecidas(...) (A)</p> <p>(...) as regras de funcionamento, são muito bem explicitadas pelo diretor de turma, nestas reuniões iniciais de ano (...) (A)</p>
	<p>Caracterização da Relação dos EE com a escola</p>	<p>Pais sentem-se com mais direito de questionar a escola</p> <p>Pouco conhecimento dos filhos em contexto de grupo</p> <p>Crise de valores</p>	<p>(...) temos aqui um grupo de pais, que à medida que têm aumentado a sua escolarização sentem-se com mais direito de questionar os professores. E eu acho que o questionar é saudável desde que, seja questionado de uma forma de salutar...(A)</p> <p>Eu acho é que as pessoas questionam, mas não procuram perceber que os filhos quando estão junto a nós, não são exatamente iguais a quando estão com outras pessoas, e quando estão num grupo de pares. Num grupo de pares sentem a necessidade de se evidenciar, e portanto não acho que esteja a diminuir, pelo contrário, (...) (A)</p> <p>(...) eu acho que nestes últimos tempos nós estamos a observar e acho que, se calhar, e posso estar a ser um bocadinho pessimista, mas tem a ver um bocadinho com a desagregação dos valores ah, o valor do respeito, o valor da educação ah, estão claramente em crise e nota-se isso também em relação aos pais (...) (A)</p>

Área temática: relações entre professores

Categoria	Subcategoria	Indicador	Unidade de Registro
Natureza da relação existente entre professores	Entreajuda entre professores	Dificuldade e possibilidades de uma relação de entreajuda	<p>Na nossa relação com os colegas, (...) não tenho a percepção (...) de conseguir fazer essa destriça. Posso é ver que há pessoas que são mais acessíveis, ah, ao trabalho de pares, e pessoas que são menos acessíveis. Não sei quais as razões, pode ter ver com o feitio, pode ter a ver com a postura que eles têm em relação à profissão, ah, até porque o desânimo é uma situação que se faz sentir muito na nossa carreira. Agora, que haja, que possa ser numa sala de professores, ah, no contexto de uma sala, tu dizeres que aquele no relacionamento com os outros, aquele é mau professor porque reage assim, ou que é bom professor, e reage assim, não consigo fazer essa destriça. (A)</p> <p>Olha até há bons anos a esta parte, sempre achei que entre professores havia um bom clima de trabalho, interajuda, e ainda existe. (B)</p>
	Individualismo/rivalidad e entre professores	Fatores sociais afetam a relação entre professores	<p>Ah, a crispação que eu tenho encontrado nos últimos anos, acho que é resultado do contexto social em que nos encontramos que, portanto, as pessoas andam mais cansadas, mais stressadas, ah, esse desgaste muitas vezes extravasa no sentido de, ah, no sentido menos proveitoso digamos</p>

			<p>assim, para um bom ambiente de trabalho. É isso, é que eu noto. Agora eu acho que todos nós temos um objetivo comum, é em prol do sucesso dos alunos, e o que eu noto é que os professores quando não têm os resultados que esperavam, que estavam dentro das expectativas deles, eles ficam desolados e manifestam-se e questionam-se, mas afinal sou eu que estou errada quando vamos avaliar todas as situações em si mesmas vimos a ver que a culpa se é que alguma vez possa estar em nós porque um dia não explicámos bem uma matéria por qualquer motivo. (B)</p>
--	--	--	---



**(ANEXO IV) – Análise de Conteúdo das entrevistas dos alunos**

Área temática: características do professor competente

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>	<b>Unidade de Registo</b>
Posturas nas 1º aulas	Imagem externa/cuidado de si	Imagem que quer dar de si	(...) os que têm roupas mais conservadoras, entre aspas, são mais conservadores, São mais rígidos. (D)
	Perfil psicológico que procura dar	Características psicológicas que quer deixar transparecer	(...) parece mais severo do que se é, para ficarmos com aquela ideia, se calhar, é melhor portarmos bem (C) (...) Que não nos dá confiança (C) (...) Não quer dizer que depois não possa brincar mas como não nos conhece não nos dá confiança (C)
Afirmação de autoridade	Assertividade	Ser assertivo	(...)Que impõe respeito desde o início (C) (...) Impor respeito logo a nós (C)
	Afirmção/exigência de regras	Ser exigente nas regras	(...) põe respeito na sala (C) (...) Eu acho que o respeito é básico (C) (...) E depois impõe respeito sobre os mais mal comportados (C)
	Exigência no cumprimento das regras	Ser rigoroso no cumprimento das regras	(...) é mais tolerante mas alguns stores, os bons stores, deixam ter pastilha nos testes que é para acalmar. (D) (...) Não tira quando o telemóvel toca na primeira vez. (D) (...) Às vezes falar com os colegas, se for uma vez não mete logo no livro de ponto, (D) (...) Os que são mais rígidos, sentimos mais disciplina e se calhar

			conseguimos aprender melhor. (D)
Relação com os alunos	Compreende	Ser compreensivo com os alunos	(...) compreende, que impõe respeito (C) (...) Na brincadeira, chama à razão mas de uma maneira a brincar. (D)
	Apoia	Apoiar os alunos nas suas dúvidas	(...) Ajuda-nos no que precisamos (C) (...) que ajuda (C) (...) que nos ajuda a organizar todas, todos os materiais (C)
	Convive	Conviver em situações de atividades extra curriculares	(...) À vontade. (C) (...) Diverte-se. (C) (...) Confia na turma. (C) (...) Há momentos para brincar e há momentos para trabalhar. (C) (...) Até porque, um bom professor tem o nosso respeito, e sabe que quando ele diz que é para parar temos de parar. (C) (...) São mais divertidos, alegres. (C) (...) Podem ser mais rígidos e, ... mas nas atividades ser mais brincalhões (C) (...) Dá se bem com os alunos. (D) (...) É nosso amigo. (D)
	É imparcial	Ser imparcial	(...) não tem que ter preferências. Está cá para ensinar e mais nada. (D)
Estilo de comunicação na aula	Explica bem	Explicar bem a matéria	(...) Explica bem! (D)
	Paciente com as dúvidas dos alunos	Ser paciente com as dúvidas apresentadas pelos alunos	(...) Explicar (C) (...) Explicar as coisas (C) (...) que explica quando é preciso, que ajuda (C)

			<p>(...) Repetir. (D)</p> <p>(...) Explicar outra vez. (D)</p> <p>(...) Explica. (D)</p> <p>(...) Deixa ir ao apoio, porque quer que os alunos tenham boas notas. (D)</p>
Desempenho no ensino	Prepara bem as aulas	Preparar as aulas	<p>(...) Por não trabalhar em conjunto, não quer dizer que seja um mau professor. (C)</p> <p>(...) explicam bem porque já treinaram em casa. (D)</p> <p>(...) Já explicaram muitas vezes (D)</p>

Área temática: características do professor incompetente

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>	<b>Unidade de Registo</b>
Posturas nas 1º aulas	Imagem externa/cuidado de si	Imagem que quer dar de si	(...) a maneira de vestir ainda se torna um bocado engraçada nalguns stores! (C) (...) Porque usam as calças muito para cima. (C) (...) E com as mãos atrás das costas. (C) (...) Há professoras que trazem assim ... um grande decote. (C) (...) Só daquela parte de cuspirem. (C)
	Perfil psicológico que procura dar	Características psicológicas que quer deixar transparecer	(...) Uns não nos dão confiança, e há outros que brincam logo connosco (C) (...) Dão confiança a mais (C) (...) Brinca connosco (C) (...) Começa logo o ano a brincar (...) depois já não consegue ... (C) (...) Já estamos habituados a esse tipo de aulas e dão-nos confiança a mais (C)
Afirmação de autoridade	Permissivo	Ser permissivo	(...) Com os professores que não são muito rígidos, nós fazemos tudo o que queremos. (D)
	Não impõe respeito	Não conseguir impor respeito	(...) Não faz porque não consegue (C) (...) Não impõe respeito (C) (...) Ele pode estudar os alunos (C) (...) Mas pode continuar a mesma planta, não se importa que estejam

			<p>mal... (C)</p> <p>(...) Sim, ou bem comportado ou mal comportado não se importa nada com isso. Dá a aula normalmente, depois se a gente tiver dúvidas não explica nem nada (C)</p> <p>(...) Chamar a atenção chama, mas continua-se e não acontece nada (C)</p> <p>(...) Não manda para a rua, não dá um castigo (C)</p> <p>(...) Ou então manda para a rua os alunos errados, os que estão interessados (C)</p> <p>(...) para a próxima vais pra rua (C)</p> <p>(...) Às vezes uns estão a conversar uma aula inteira, e basta um dizer uma piada e vai logo para a rua. (C)</p>
	Ser autoritário	Autoritário no cumprimento das regras	<p>(...) Tirava logo o telemóvel e dava ao executivo ou à nossa DT. (D)</p> <p>(...) Só porque nós nos viramos, nós também precisamos de falar, faz-nos logo participação (D)</p>
Relação com os alunos	Intolerante	Não tolera nada	(...) manda-nos para rua! (D)
		Não apoia os alunos nas suas dúvidas	<p>(...) Não nos ajuda em nada. (C)</p> <p>(...)E não nos ajuda quando nós temos dúvidas. (D)</p> <p>(...) E não sabe pedir desculpa quando, às vezes, os professores também fazem muitos erros....e depois não sabe dar o braço a torcer. (D)</p>
	Não Convive	Não conviver com os alunos	(...) Um professor mau não deixa ir. Mas pode ser um mau professor e até ir connosco. (C)

			<p>(...) É que ta sempre em cima de nós. (C)</p> <p>(...) Um mau professor é aquele que começa logo a mandar vir connosco. A gritar. (D)</p>
	É parcial	Ter alunos preferidos	<p>(...) Sim, muita preferência (C)</p> <p>(...) E a trabalhar, há professores preferem alguns alunos do que outros. (D)</p> <p>(...) Por exemplo, um aluno que esteja em pé e ta sempre a manda-lo sentar. E depois outros tão em pé e deixa andar. (D)</p> <p>(...) Por exemplo, noutra dia alguém disse que ele era bonito, ele foi e pôs um mais. E eu acho que isso não tem a ver com a avaliação. (D)</p> <p>(...) Depende da pessoa. (D)</p> <p>(...) Pois, depende da pessoa. (D)</p> <p>(...) Eu e a S. já dissemos que ele não explicava muito bem e ele meteu-nos um menos. (D)</p> <p>(...) Por exemplo, o A. da nossa turma está sempre a mexer no telemóvel nas aulas e depois o stor, ele de repente fala, e o stor põe-lhe um mais. Pois e depois a gente fala e a gente leva um menos. (D)</p>
	Agressivo	Ser violento/agressivo	<p>(...) a mandar pontapés às coisas. (C)</p>
Estilo de comunicação na aula	Não Explica bem	Não explicar bem a matéria	<p>(...) um professor que não tenha paciência, explica e tá-se a marimbar, explica está explicado, mesmo que nós não percebemos, quer lá saber,</p>

			<p>percebessem, está no sumário, isto é fácil. (C)</p> <p>(...) está no sumário, está sumariado. (C)</p> <p>(...) Não explica, diz que não estivemos atentos. (D)</p> <p>(...) Não sabemos porque não estivemos atentos, estivéssemos atentos, agora olha... (D)</p> <p>(...) Começa logo a dizer que nós não sabemos nada. (D)</p>
	Não ser paciente	Não ter paciência para esclarecer as dúvidas	<p>(...) Ah ..., se nós não percebermos alguma coisa e se esse professor achar fácil, (...) começar a dizer que somos burros, que não temos inteligência suficiente. (C)</p> <p>(...) É muito fácil. (C)</p> <p>(...) Ele às vezes é, venham fazer este exercício ao quadro, nós não estamos a perceber depois faz-nos o exercício. (C)</p> <p>(...) Ele é que faz o exercício no quadro. (C)</p> <p>(...) Ficamos sem perceber nada na mesma. (C)</p> <p>(...) Ora vamos lá fazer o exercício, e ele é que faz. (C)</p> <p>(...) E a maior parte dos professores diz que não percebemos porque não estávamos atentos, mesmo que a gente tenha estado atento. (C)</p> <p>(...)Se ele diz que é fácil, se é fácil nós temos obrigação de perceber, é o que os professores devem pensar. (C)</p>
Desempenho no ensino	Não prepara bem as aulas	Não preparar as aulas	<p>(...) Há professores que vão buscar os PowerPoint à internet e nem sequer os leem antes de dar a aula. Depois chegam lá, põem o PowerPoint e têm</p>

			<p>a aula feita. (D)</p> <p>(...) Com aquilo que tira da net, mas não preparou eu acho que ele nem prepara as aulas. (D)</p>
Relacionamento com colegas profes	Antipatia	Ser antipático	<p>(...) há professores que são antipáticos para toda a gente, há outros que são só para os alunos, outros só para certas turmas. (C)</p> <p>(...)Uns querem ficar sozinhos, só estão mesmo lá na escola para dar aulas e mais nada. (C)</p>